**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PEPG EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE**

RAQUEL DA SILVA OLIVEIRA

# PERFIL DOS USUÁRIOS E USO DOS ACERVOS DAS BIBLIOTECAS DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS – CEUs – SÃO PAULO

**SÃO PAULO**

**2018**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PEPG EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE**

RAQUEL DA SILVA OLIVEIRA

# PERFIL DOS USUÁRIOS E USO DOS ACERVOS DAS BIBLIOTECAS DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS – CEUs – SÃO PAULO

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação do Prof. Dr. José Geraldo Silveira Bueno.

**SÃO PAULO**

**2018**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

PERFIL DOS USUÁRIOS E USO DOS ACERVOS DAS BIBLIOTECAS DOS CENTROS EDUCACIONAIS UNIFICADOS – CEUs – SÃO PAULO

Aluna: Raquel da Silva Oliveira

# ERRATA

## Onde-se lê na pg.33:

As bibliotecas comunitárias ou populares (como também são chamadas) são unidades de informação concebidas e preservadas pela sociedade civil. Machado (2008, p. 49) coletivos, na maioria das vezes sem apoio institucional, em periferias com pouco ou nenhum afirma que estas bibliotecas surgem de forma espontânea e são mantidas por indivíduos ou acesso a bens culturais.

## Leia – se:

As bibliotecas comunitárias ou populares (como também são chamadas) são unidades de informação concebidas e preservadas pela sociedade civil. Machado (2008, p. 49) afirma que estas bibliotecas surgem de forma espontânea e são mantidas por indivíduos ou coletivos, na maioria das vezes sem apoio institucional, em periferias com pouco ou nenhum acesso a bens culturais.

**Banca Examinadora**

_____

_____

_____

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar o perfil dos usuários, suas escolhas literárias e os possíveis incrementos que a criação de bibliotecas públicas, em regiões altamente carentes de equipamentos culturais públicos, causa na população de seu entorno, com apoio nas contribuições de Bourdieu e Darbel (2003), primordialmente no que se refere ao acesso a bens culturais e sua relação com o capital cultural dos usuários Para tanto, por meio de série histórica de dados estatísticos de uso, analisou o incremento da utilização das bibliotecas públicas da rede CEUs - Centros Educacionais Unificados, da Prefeitura Municipal de São Paulo, no período de 2006 a 2017. Criadas nesse novo projeto de equipamento escolar, as bibliotecas foram planejadas não só para servir a ele, como para favorecer o uso por toda a comunidade de seu entorno, na medida em que praticamente a totalidade das 46 unidades situa-se em bairros da periferia urbana. Como indicadores do perfil dos usuários e do uso das unidades foram levantados e organizados em tabelas e gráficos os dados referentes à idade, sexo, raça/cor e nível de escolaridade, cruzando-os com o tipo de literatura que procuram (literatura infantojuvenil, literatura geral, livros didáticos e obras de referência). Os principais achados foram: crescimento expressivo dos empréstimos no período, com predominância por usuários brancos, do sexo feminino e com, no mínimo e, no mínimo, com formação de ensino fundamental.

Descritores: biblioteca pública; Centro Educacional Unificado; equipamento cultural; periferia urbana

:

## ABSTRACT

This work aimed to analyze the profile of the users, their literary choices and the possible increases that the creation of public libraries, in regions highly deprived of public cultural equipment, causes in the population of its surroundings, with support in the contributions of Bourdieu and Darbel (2003), primarily with regard to access to cultural assets and their relationship with the cultural capital of users. In order to do so, through a statistical series of statistical data of use, analyzed the increment of the use of the public libraries of the CEUs – Centro de Educação Unificado, from the City Hall of São Paulo, from 2006 to 2017. Created in this new project of school equipment, libraries were planned not only to serve it, but also to promote the use of the whole community around it in which practically the totality of the 46 units is located in neighborhoods of the urban periphery. As indicators of the users' profile and the use of the units, the data referring to age, sex and level of schooling were collected and organized in tables and graphs, crossing them with the type of literature they are looking for (children's literature, literature in general, books didactic and reference works). The main findings were: expressive growth of loans in the period, predominantly by white, female and with at least minimum elementary education.

Keywords: public library; Unified Educational Center; cultural equipment; urban periphery

Sola Scriptura, Sola Gratia, Sola Fide, Solus Christus e Soli Deo Gloria.

Somente as Escrituras, Somente a Graça, Somente a Fé, Somente Cristo e Só a Deus Glória!

**Dedicatória**

Dedico este trabalho à mulher mais forte, corajosa,

gentil e generosa que eu conheço, minha mãe.

Com ela aprendi quase tudo o que eu sei.

E o que ela não pode me ensinar, ela me incentivou

a não ter medo de buscar apreender.

## Agradecimentos

Á Deus por tudo. Hoje e sempre.

Á minha querida mãe, Neusa, fonte eterna de inspiração e afeto.

A meus amados sobrinhos Lucia Helena, Lucas, Lyon e Luan, que são os meus mais fáceis motivos de sorrir.

Às minhas queridas irmãs, Luciana, Patricia e Marcela, parceiras de jornada.

Á tia Nena, exemplo de vida.

Ao meu pai (in memoriam), por seu amor aos estudos.

À minha madrinha (in memoriam), por seu amor aos livros.

A Vera Clara por suas histórias.

Ao Professor José Geraldo que, com competência e segurança, orientou este trabalho.

A todas as minhas amigas e amigos, em especial a Ana Lúcia Reis, Andreia Silva, Antonia Joana, Jocélia Costa, Josefa Souza, Marlon Florian, Rute Costa, Sadrac Leite, Silvia Carixto, Silvia Vieira e Wellington Rascio que estiveram sempre perto a mim no decorrer do tempo, compreendendo-me e me incentivando.

A meus colegas de curso Andrea Fiori, Luciana Melo, Maria Aparecida e Padre Samuel.

À Professora Mirian Watanabe pela amizade e pelo o auxílio no momento certo.

À Professora Fátima Vattimo por ser sempre uma inspiração.

À Zilda Junqueira, que me auxiliou num momento crucial deste trabalho.

À minha querida equipe da BM Camila Cerqueira César (Cristina, Henriqueta, Maria, Shirley, e Zezinho) e a querida, Melina, pela compreensão e apoio no começo deste trabalho.

À minha querida equipe de SCT (DDCTI) pelo carinho, apoio e compreensão.

A minha querida equipe CSMB/Gabinete que torceu o tempo todo para tudo dar certo.

À querida Betinha Adania, secretária do EHPS, pela ajuda de sempre.

Á CAPES pela bolsa de estudos.

Aos docentes do EHPS.

# AGRADECIMENTO A CAPES

**Agradeço respeitosamente a CAPES pela bolsa concedida a mim.**

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO ..... 11
CAPÍTULO 1
AS BIBLIOTECAS DOS CEUS COMO EQUIPAMENTO CULTURAL DESTINADO ÀS CAMADAS POPULARES..... 20
CAPÍTULO 2
AS BIBLIOTECAS DOS CEUs: equipamentos de diversas tipologias e múltiplos acervos ..... 33
2.1Os diferentes tipos de bibliotecas ..... 33
2.1.1 Biblioteca Comunitária ..... 33
2.1.2 Biblioteca Escolar ..... 35
2.1.3 Biblioteca Pública ..... 36
2.1.4 Biblioteca Universitária ..... 40
2.2. Os acervos disponibilizados pelas bibliotecas dos CEUs ..... 41
2.2.1 Literatura infantojuvenil ..... 41
2.2.2 Literatura geral ..... 42
2.2.3 Livro didático ..... 42
2.2.4 Obras de referência ..... 43
CAPÍTULO 3
USO DO ACERVO E PERFIL DOS USUÁRIOS DAS BIBLIOTECAS DOS CEUs ..... 44

3.1. Incidência total e distribuição anual de uso por indicador ..... 45
3.1.1. Incidência por faixa etária ..... 45
3.1.2. Incidência por sexo dos usuários ..... 47
3.1.3. Incidência total e distribuição anual de uso por raça/cor dos usuários ..... 49
3.1.4. Incidência de empréstimos por nível de escolaridade dos usuários ..... 51
3.2. Incidência de empréstimos por gênero de literatura acessada ..... 53
3.2.1. Literatura infantojuvenil ..... 55
3.2.2. Literatura geral ..... 56
3.2.3. Livros didáticos ..... 57
3.2.4. Obras de referência 58
3.3. Incidência do gênero de literatura por nível de escolaridade dos usuários .... 59
3.3.1. Literatura infantojuvenil ..... 59
3.3.2. Literatura geral ..... 60
3.3.3.Livros didáticos ..... 62
3.3.4.Obras de referência ..... 62
CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 64
REFERÊNCIAS ..... 67
ANEXO 1 ..... 72

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Distribuição anual dos empréstimos ..... 45

Gráfico 2 - Total de empréstimos por faixa etária dos usuários ..... 46

Gráfico 3 - Distribuição anual dos empréstimos por faixa etária dos usuários ..... 47

Gráfico 4 - Total de empréstimos por sexo dos usuários ..... 48

Gráfico 5 - Distribuição anual dos empréstimos por sexo dos usuários ..... 49

Gráfico 6 - Total de empréstimos por raça/cor dos usuários ..... 50

Gráfico 7 – Distribuição anual de empréstimos por raça/cor dos usuários ..... 51

Gráfico 8 - Total de empréstimos por nível de escolaridade dos usuários..... 52

Gráfico 9 - Distribuição anual dos empréstimos por nível de escolaridade dos usuários ..... 53

Gráfico 10 - Total de empréstimos por gêneros literários ..... 54

Gráfico 11 - Distribuição anual de empréstimos literatura infantojuvenil ..... 56

Gráfico 12 - Distribuição anual dos empréstimos de literatura geral ..... 57

Gráfico 13 - Distribuição anual dos empréstimos de livros didáticos ..... 58

Gráfico 14 - Distribuição anual dos empréstimos de obras de referência ..... 59

Tabela 1 - Distribuição anual de empréstimos por gêneros literários ..... 54

Tabela 2 - Distribuição anual de empréstimos de obras de literatura infantojuvenil por nível de escolaridade do usuário ..... 60

Tabela 3 - Distribuição anual dos empréstimos de obras de literatura geral por nível de escolaridade dos usuários 61

Tabela 4 - Distribuição anual dos empréstimos de livros didáticos por nível de escolaridade do usuário ..... 63

Tabela 5 - Distribuição anual dos empréstimos de obras de referência por nível de escolaridade dos usuários ..... 62

# INTRODUÇÃO

**“...atrele seu vagão a uma estrela.”**

**Emerson**

Comecei minhas atividades profissionais aos 19 anos atuando em escolas de ensino infantil e em ONGs voltadas à educação. Após terminar a faculdade de biblioteconomia, fui atuar em bibliotecas universitárias. Passei também a ministrar aulas em faculdades. Por conseguinte, passei praticamente 2/3 de minha vida em sala de aula e/ou em bibliotecas. Sendo assim, por mais objetiva que tente ser neste estudo, ele é fruto da minha percepção e de minhas vivências. Entretanto, ao escolher as bibliotecas dos equipamentos CEUs para estudar, busco um distanciamento, pois não atuo diretamente na Secretária Municipal de Educação e nem com as bibliotecas da Rede CEU.

Durante seis anos fui Coordenadora dos Processos Técnicos (Catalogação) da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB) de São Paulo, ligada à Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Como uma das responsáveis técnicas, visitei inúmeras bibliotecas de CSMB e da Secretaria Municipal de Educação (SME). Após este época, por dezoito meses fui diretora de uma biblioteca de bairro da rede CSMB e acabei retornando à Coordenadoria como Supervisora de Processos Técnicos. No começo de junho de 2018 assumi a Coordenação Geral da Rede de Bibliotecas de CSMB. Mediante a oportunidade de conhecer equipamentos tão complexos e diferentes entre si, acabei me interessando por estas complexidades e diferenças.

Moro em bairro de classe média da zona oeste paulistana. Minha primeira visita a uma biblioteca do Centro de Educação Unificada (CEU), ligada à SME, foi a uma biblioteca de Guaianases, no extremo leste da cidade São Paulo. A maioria das residências deste bairro são erguidas pelos próprios moradores, muitas vezes em áreas de risco, com inúmeras favelas e casas que não são de alvenaria. Uma periferia pobre e feia, muitas vezes escondida na maior cidade do país e que os meios de comunicação geralmente mostram apenas em reportagens policiais.

Nesse bairro não há parques, campos de futebol de várzea, cinema ou teatro. Em muitas ruas o esgoto corre a céu aberto. Há poucas árvores. O comércio está mais concentrado

nas proximidades da estação de trem. Entretanto, há duas unidades de CEUs e duas bibliotecas públicas na região. Olhar estas unidades do CEU neste contexto é impactante. O projeto arquitetônico do equipamento destaca-se do entorno, positiva e significativamente, conforme se pode constatar pelas figuras de um a quatro.

Figura 01 - CEU Jambeiro - Guaianases

Fonte: SME

O traço simples e limpo é uma das marcas do projeto arquitetônico, tanto nos primeiros 21 CEUs entregues em 2003 quanto nos outros 25 equipamentos inaugurados posteriormente.

Figura 02 – CEU Jambeiro - Guaianases

Fonte: SME

Não percebi sofisticação nos materiais de construção. Mas observei acesso livre a um parque aquático, a teatro/cinema e biblioteca, entre outros, como sugeridos nas figuras dois, três e quatro, sendo que no bairro os equipamentos dos CEUs são os únicos espaços que proporcionam cultura, esporte e lazer para a população, com exceção da Biblioteca Pública Municipal Cora Coralina, existente desde 21 de maio de 1966.

Figura 03 - CEU Jambeiro - Guaianases

Fonte: SME

Mesmo sendo muito populoso e com vasto comércio, o bairro de Guaianases só tem o teatro/cinema do equipamento CEU. Também existe a biblioteca pública do bairro, que auxilia na ampliação do acesso dos moradores à cultura, mas não há museus nem livrarias.

Figura 04 – CEU Jambeiro - Guainases

Fonte: SME

Para esta pesquisa, parti de minha trajetória profissional e de inquietações a respeito da oferta de equipamentos culturais pelo poder público - e de como essa oferta privilegia algumas camadas sociais. Decidi investigar uma política que se afirma exatamente na via contrária a essa perspectiva, tendo como suporte teórico as contribuições de Bourdieu (2003), especialmente o conceito de "capital cultural" e sua crítica sobre a ideia de que os usos de equipamentos culturais expressam um gosto natural pela arte.

O levantamento bibliográfico das dissertações e teses que tinham o equipamento CEU como tema de pesquisa me revelou estudos sobre aspectos diversos e que foram classificados conforme relação abaixo:

- **Arquitetura**: pesquisas relacionadas ao projeto arquitetônico dos CEUs e as políticas educacionais em relação à arquitetura de prédios escolares desenvolvidas por Mascarenhas (2006) sobre o processo de criação das unidades CEUs; Souza (2010) sobre a relação arquitetura e educação, Lopes (2011), que fez uma análise da relação do equipamento público e a cidade e Wilderon (2014) sobre o uso da arquitetura escolar no município de São Paulo.

- **Arte**: a influência do Mário de Andrade e o Parque Infantil no projeto CEU, por Silva (2012).

- **Biblioteconomia**: apresentação da biblioteca CEU por Lemos (2012).

- **Comunicação**: os diferentes discursos relacionados ao projeto CEU: institucional, comunitário e midiático produzido, por Zuin (2009).

- **Educação.** O potencial das unidades CEUs como oposição à política educacional hegemônica foi o tema da pesquisa de Fasano (2006); Cangussú (2010) investigou as alterações e mudanças ocorridas no equipamento CEU devido à troca de governo; Peres (2010) pesquisou a troca de gestores nas unidades CEUs; Barberi (2011) tratou do rendimento escolar dos alunos das EMEFs pertencentes aos equipamentos CEUs; Sanches (2014), a gestão dos equipamentos CEUs; e Rogério (2015) as coordenações pedagógicas nas unidades CEUs.

- **Lazer:** Pacheco (2009) pesquisou sobre a importância das atividades oferecidas pelo CEUS aos finais de semana.

Embora se tenha analisado diferentes facetas desse equipamento, o referido levantamento evidenciou que, até este momento, não havia qualquer estudo sobre a função social das bibliotecas ali instaladas, razão pela qual este foi o tema escolhido para a presente investigação, que visa contribuir para ampliar o conhecimento sobre os CEUs e sobre o trabalho desenvolvido nas bibliotecas destes Centros.

Na medida em que a criação de bibliotecas dos CEUs, instaladas em periferias urbanas paulistanas, marcadas pela inexistência de equipamentos culturais reforçando a visão de que as camadas populares não possuem gosto ou interesses "naturais" suficientes para deles usufruir, esta investigação delimita o seguinte

**Problema de pesquisa**:

Os índices anuais de usuários evidenciam o crescente acesso a um bem cultural aos qual a população da periferia urbana estava usualmente privada?

**Problemas decorrentes**

Há relação entre o perfil dos usuários, no que se refere à idade, sexo e nível de escolaridade e a incidência de utilização das bibliotecas dos CEUs – desde sua criação[1] até o momento de coleta dos dados (2017).

Há relação entre esses indicadores e o tipo de literatura consultada?

**Hipótese**:

A hipótese norteadora da investigação é de que a implantação de uma biblioteca com múltiplos acervos em comunidades periféricas da cidade de São Paulo serviu de indutor para o acesso de toda a comunidade a distintos tipos de literatura, expresso pelos índices de aumento anual do número dos seus usuários.

**Hipóteses secundárias**:

- não há diferenças significativas no aumento do número de usuários em relação à idade e sexo, no período selecionado;

[1] O ano de criação das unidades CEUs é 2003, mas os dados obtidos nesta pesquisa, referentes às bibliotecas dos equipamentos CEUs ganharam relevância a partir 2006.

- o acesso aos diferentes tipos de literatura tende a ser mais intenso em razão dos níveis de escolaridade dos usuários, no período selecionado.

## ❖ Objetivos

### ➢ Objetivo Geral

Analisar o perfil e o tipo de literatura utilizada pelos usuários das 46 bibliotecas de múltiplas finalidades (pública, comunitária, escolar e universitária), criadas a partir dos Centros de Educação Unificadas - CEUs, da Prefeitura Municipal de São Paulo – PMSP, em comunidades anteriormente sem acesso efetivo a qualquer tipo de equipamento cultural mantido pelo poder público.

- Objetivos Específicos

A) Traçar o perfil dos usuários das unidades CEUs em termos de idade, sexo e nível de escolaridade

B) Verificar o uso geral da biblioteca entre 2006 e 2017

C) Verificar se houve mudança de frequência e de uso neste período

D) Levantar e analisar o tipo de literatura acessado pelos diferentes usuários em termos de idade, sexo e nível de escolaridade

Segundo Dias e Pires (2004), o estudo de uso pode ser utilizado para mensurar a demanda de informação e funcionar como subsidio ao processo de planejamento e avaliação, constituindo, pois, ferramenta fundamental para o planejamento, organização e administração da unidade de informação. Por definição, o estudo de uso é realizado para avaliar o quanto e de qual forma um acervo é utilizado.

Para o planejamento de uma biblioteca é imprescindível verificar e conhecer quem é seu usuário, pois serve de subsídio para manter, aprimorar e criar novos serviços.

Segundo Dias e Pires (2004, p 10), o estudo de usuários é uma pesquisa que auxilia a identificar e caracterizar interesses, carências, hábitos de leitura e informação dos usuários da unidade de informação.

Line (1974) nos orienta a desenvolver um estudo buscando quantidades de empréstimos de livros, quantidades de acesso aos materiais da biblioteca e uma articulação com os dados sócio demográficos (profissão, idade, sexo e escolaridade, entre outros).

Mesmo tendo plena consciência de que uma única ferramenta - como o estudo de uso e usuário - será apenas uma pequena faceta da complexidade encontrada no cotidiano das bibliotecas do CEUs, este estudo fez uso desta ferramenta no intuito de sistematizar a investigação sobre a função social desse equipamento cultural instalado nas periferias de São Paulo.

Desta forma, seguindo as orientações de Line (1974), delimitou-se para esta pesquisa o seguinte procedimento:

## ❖ Procedimentos de Pesquisa

- **Campo empírico**: 46 bibliotecas dos CEUs com a seguinte caracterização:

  a) entorno social em que não se contava com equipamentos culturais mantidos pelo poder público.

- **Coleta de dados**: levantamento e tratamento estatístico por meio de série histórica, no período de 2006 a 2017, do uso efetivo que a população local tem feito de seu acervo, relacionando os seguintes elementos:

  a) Incidência anual de uso por
     - Faixa etária dos usuários
     - Sexo dos usuários
     - Raça dos usuários
     - Nível de escolaridade dos usuários

  b) Incidência anual do tipo de literatura acessada:
     - Literatura infantojuvenil
     - Literatura geral
     - Livros didáticos
     - Obras de referência

  c) Incidência anual entre o nível de escolaridade e o tipo de literatura consultada

**Procedimentos de análise dos dados**

A análise dos dados será foi feita por meio de:

a. Construção e análise de tabelas simples na série histórica 2006/2017
    - Perfil do Usuário
    - Literatura consultada
b. Construção e análise de tabelas cruzadas na série histórica 2006/2017
    - Nível de escolaridade x tipo de literatura consultada

Ao realizar esta pesquisa houve dificuldades em se obter informações sobre os dados coletados. Só por meio da LAI (Lei de Acesso a Informação) foi possível conseguir os dados, pois não há publicação oficial com informações. Também no site de SME não há dados organizados a serem pesquisados sobre os CEUs, tampouco sobre o uso das bibliotecas.

Nesse sentido, visando incrementar os conhecimentos sobre os equipamentos CEUs, esta dissertação está composta por três capítulos e uma parte com algumas considerações finais.

No primeiro capítulo apresenta-se um breve histórico sobre a criação do equipamento CEU, em que se buscou demonstrar o papel das bibliotecas públicas enquanto equipamento cultural na periferia paulistana.

No capítulo dois foram discutidas as tipologias de bibliotecas encontradas na literatura e como estas tipologias estão representadas dentro de uma biblioteca da Rede CEU.

No capítulo três, por meio de tabelas e gráficos, foram apresentados os perfis dos usuários e as literaturas consultadas nos equipamentos CEUs.

Por fim, nas considerações finais foram estabelecidas inferências, a partir dos dados e análises realizadas no capítulo 3, procurando retirar algumas consequências de fundo sobre eles.

# CAPÍTULO 1

## AS BIBLIOTECAS DOS CEUS COMO EQUIPAMENTOS CULTURAIS DESTINADOS ÀS CAMADAS POPULARES

O Projeto CEU foi concebido na gestão Marta Suplicy na Prefeitura de São Paulo (2001/2004), e segundo seus idealizadores, sob a influência das experiências educacionais de Mário de Andrade, no Parque Infantil em São Paulo, e de Anísio Teixeira, na Escola Parque em Salvador, no século XX, como afirmam Doria e Perez (2007, 131):

> Os Centros Educacionais Unificados não surgiram por acaso ou por decreto, em 2003. As concepções e experiências, acumuladas em diferentes momentos históricos, contribuíram, sobremaneira, para enriquecer a sua proposta final: as ideias de educação para cidadania e de escola aberta de Paulo Freire, os projetos Parques Infantis, que Mário se Andrade criou em São Paulo nos anos 30 e a Escola Parque, que o educador Anísio Teixeira criou na Bahia dos anos 50, onde as pessoas aprenderam a conviver com os espaços públicos integrados.

Partindo de pressupostos interdisciplinares, relacionando a cultura, o esporte e o lazer, os projetos Parque Infantil, a Escola Parque e o CEU tinham propósitos similares, que visavam cooperar na formação de crianças, jovens e adultos.

Os equipamentos CEUs abrangem perspectivas educacionais diversas e que excedem o ensino formal. Essas possibilidades ocorrem no parque aquático, na sala de ginástica, na pista de skate, teatro, cinema e na biblioteca, entre outras

Numa biblioteca de CEU, o bibliotecário lida com projetos pedagógicos respaldados por um currículo oficial, que propõe ações para o desenvolvimento e integração dos diversos campos de saberes, para várias faixas etárias. Nos CEUs, a biblioteca visa atender a comunidade de seu entorno, as crianças das creches e CEIs, crianças do ensino básico e fundamental, adolescentes do ensino técnico, universitários e pós-graduados, num mesmo espaço. Simultaneamente, o mesmo profissional zela pela integridade física de seu acervo. Neste contexto, espera-se que os usuários sejam atendidos em seus aspectos mais essenciais, por meio de propostas que visem as práticas de ensino, cultura, informação e acolhimento.

Com isso, a biblioteca está tensionada entre os âmbitos do ensino, da cultura, da informação e da assistência, tornando as ações dessas formações educacionais extremamente

amplas ao proporcionar uma multiplicidade de conhecimentos e convívios ao usuário, sendo o educar e o cuidar dimensões indissociáveis.

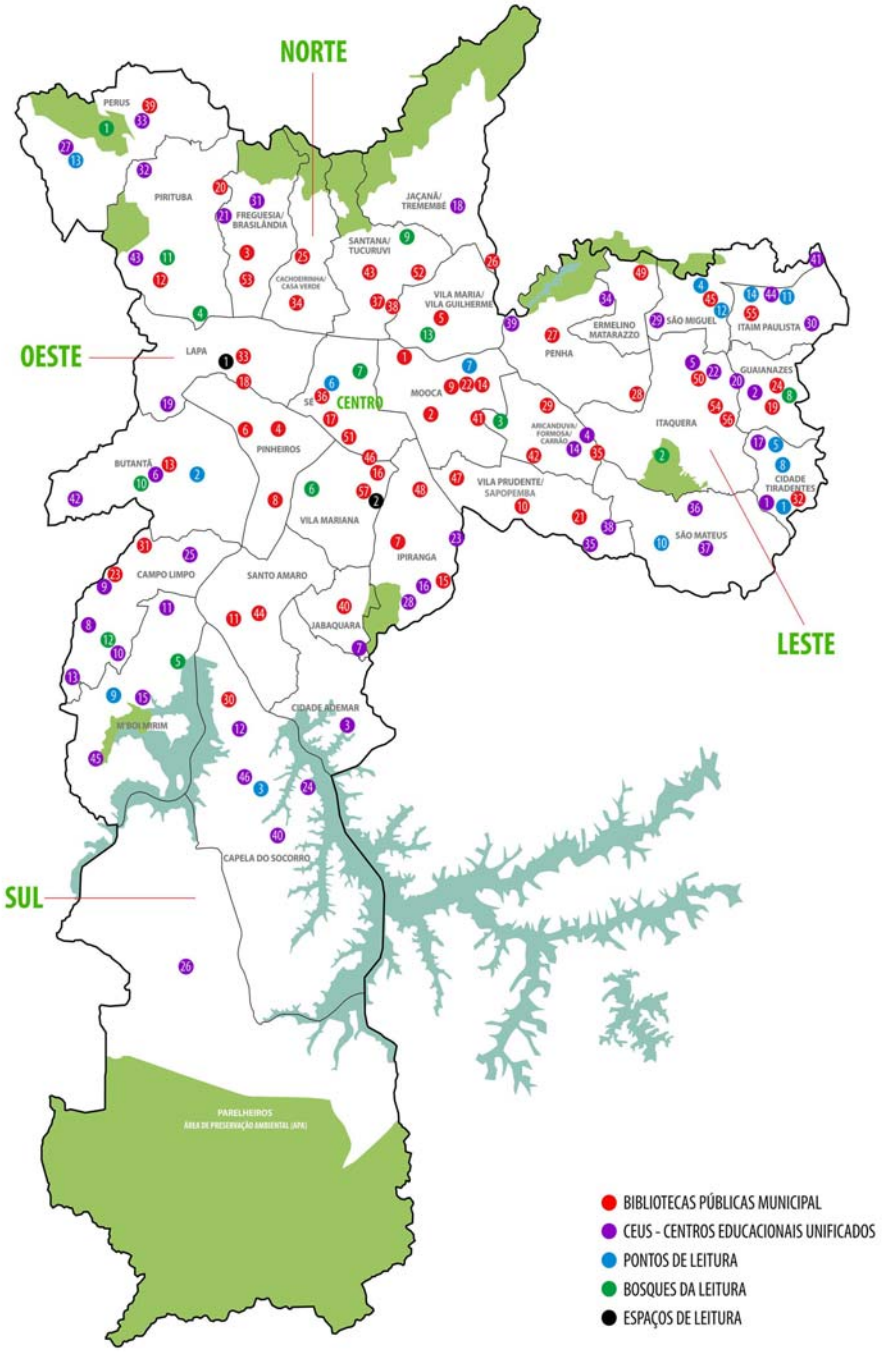
Para compreender esse universo, este estudo buscou, inicialmente, descrever o surgimento, criação e desenvolvimento das bibliotecas dos CEUs, a concepção dos acontecimentos históricos e seus consequentes desdobramentos, essenciais para entender como ocorreu a consolidação das bibliotecas públicas como parte integrante da Secretária Municipal de Educação de São Paulo. A pesquisa buscou apontar os mecanismos que regem e estruturam as relações entre acolher, ensinar e informar, que ocorrem nas 46 unidades de bibliotecas da Rede CEUs. Por meio de uma revisão literária e dados estatísticos das unidades dos CEUs, a pesquisa buscou apresentar o perfil dos usuários das bibliotecas dos CEUs, bem como a utilização de seus acervos, no período de 2006 a 2017.

Mais do que um local reservado para a guarda de livros, as bibliotecas paulistanas têm sido um espaço de cultura e lazer, distribuídas por toda a cidade.

O município de São Paulo tem 54 Bibliotecas Municipais, dois Espaços de Leitura, 14 Pontos de Leitura e 13 Bosques de Leitura vinculados à Secretaria Municipal de Cultura (SMC), e 46 bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) vinculados à Secretaria Municipal de Educação (SME) que, juntas, formam o Sistema Municipal de Bibliotecas. (Salgado, Oliveira, 2012).

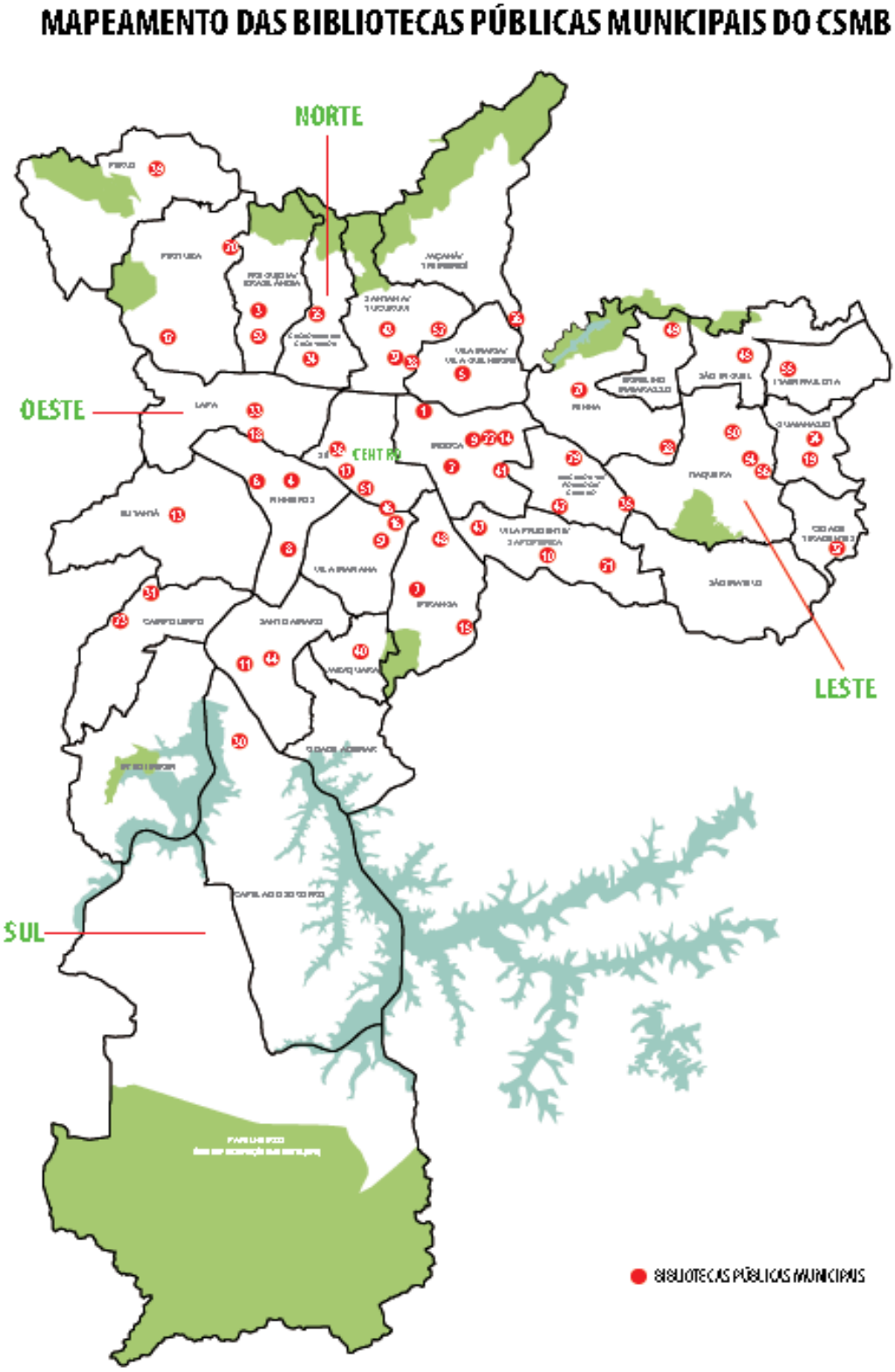
A figura cinco representa a distribuição do Sistema Municipal de Bibliotecas, contendo todas as unidades da rede CSMB e CEU.

Imagem 5 - Mapa que representa o Sistema Municipal de Bibliotecas




Fonte: SMC

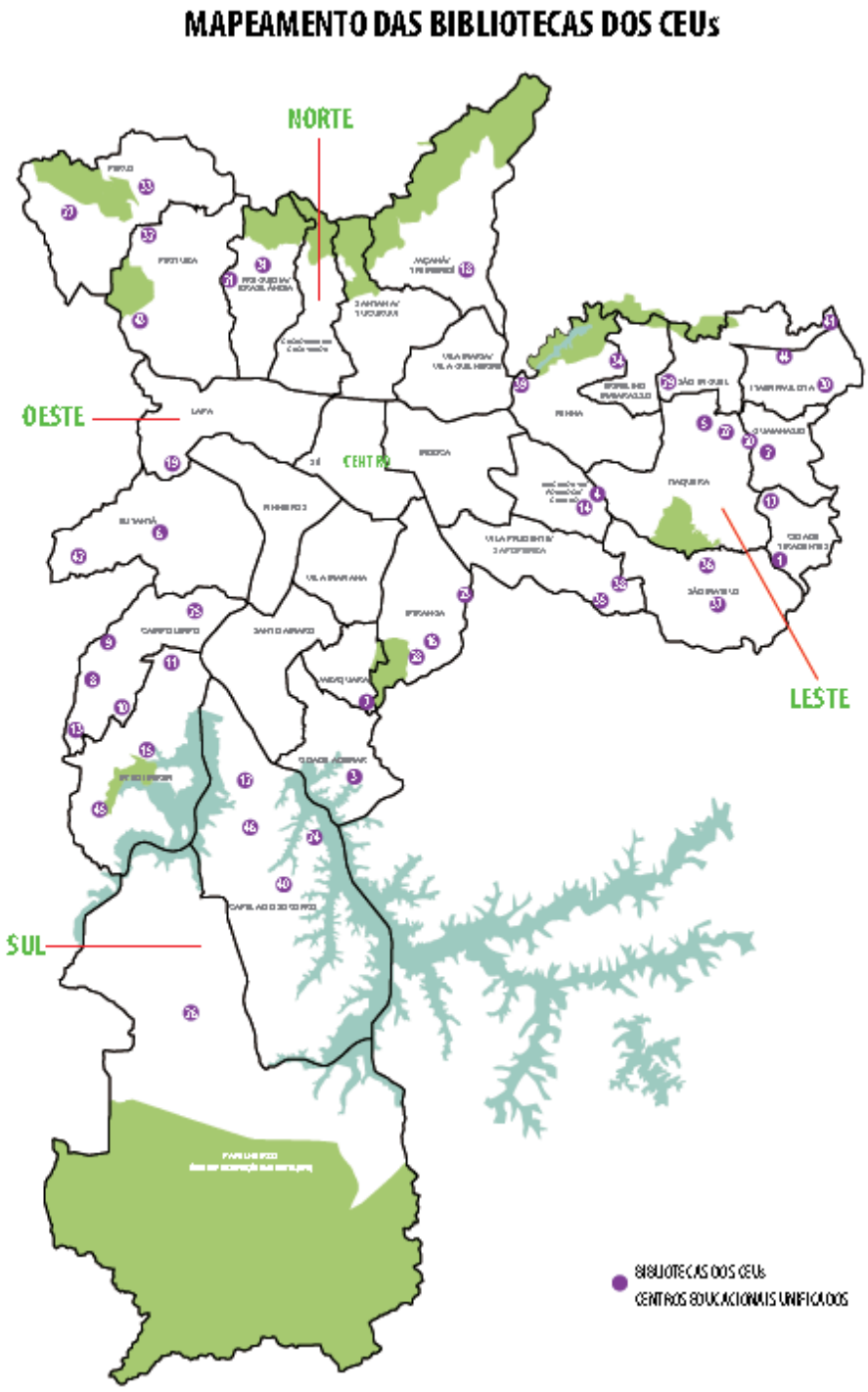
A imagem seis representa a distribuição da rede de bibliotecas da Coordenadoria Municipal de Cultura pertencente a SMC.




Mesmo estando em áreas distantes, as bibliotecas administradas pela Secretaria da Cultura estão mais próximas ao centro da cidade.

As bibliotecas da SME estão todas localizadas nas periferias urbanas paulistanas mais distantes do centro, como demonstrado na imagem seis, e muitas vezes são os únicos equipamentos gratuitos de cultura, lazer e de acesso à informação na região.

Figura 6 – Representa a distribuição no Município de São Paulo das Bibliotecas da Rede CEU – Secretaria da Educação




Fonte: SMC

Por estar em locais de vulnerabilidade social, com uma população fragilizada, o trabalho a ser desenvolvido por estas bibliotecas e equipamentos deve ter um olhar crítico e diferenciado, pois esta população, mesmo não possuindo recursos e muitas vezes sem acesso à informação e educação de qualidade, faz e exige cultura.

A complexidade desta situação é mencionada por Martin-Barbero (1997, 105) ao citar Gramsci:

> Gramsci liga cultura popular, mas não de modo simples. Pois o significado desta inserção diz que esta cultura é inorgânica, fragmentária, degradada, mas também que esta cultura tem uma particular tenacidade, uma espontânea capacidade de aderir às condições materiais de vida e suas mudanças, tendo às vezes um valor político progressista de transformação.

Apesar de não dispor de condições ideais, a cultura de uma comunidade sempre se apresenta e se faz representar.

Nos CEUs, a biblioteca visa atender desde alunos do ensino básico aos pós-graduados, num mesmo espaço e com o mesmo acesso ao acervo, que é comum a todos.

Além das funções do cotidiano, por serem públicas, as bibliotecas dos CEUs têm a função de preservação e guarda documental do bairro e da região onde estão inseridas. Ou seja, os profissionais da biblioteca desenvolvem atividades de empréstimo, pesquisa e simultaneamente zelam pela integridade física e intelectual do seu acervo, incluindo as várias documentações geradas pela comunidade.

Bacellar (2005, 55) comenta sobre como deveria ser o papel do bibliotecário e dos funcionários das bibliotecas nestas unidades, e observa que nem sempre é o que acontece no cotidiano das unidades de informação:

> O consulente deveria contar com funcionários devidamente treinados para qualificada recepção. Quanto maior o acervo, maior o conhecimento que o encarregado da recepção deve acumular tornando mais complexa a sua formação para essa função...

Neste cenário, citando Magalhães (2016, 301), "o intelectivo e o praxeológico cruzam-se". Entretanto, em depoimentos colhidos, a informação obtida é de que no atendimento de quase todas as bibliotecas de SMB não há bibliotecários de referência.[2] Os profissionais encontrados no atendimento de quase todas as bibliotecas do sistema SMB não têm formação

[2] Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL.MEC, 1997), por exemplo, orientam e estabelecem a biblioteca escolar como um importante auxílio na aprendizagem.

adequada para o atendimento ou, como afirmam Bourdieu e Darbel (2003, 139), “salvo exceção não tinham vocação, nem qualificação.”

Muitas vezes os atendentes e auxiliares de biblioteca não terminaram nem o ensino fundamental. Nas bibliotecas da rede CSMB são os AGPPs (profissionais de nível médio) ou os AGOs (profissionais de nível básico) que efetivamente fazem o atendimento aos usuários das bibliotecas. Os bibliotecários ficam resolvendo questões burocráticas, de zeladoria, administrativas e funcionais das unidades e não à frente do atendimento nos equipamentos, comprometendo sua qualidade e deturpando os objetivos da biblioteca pública.

As 46 bibliotecas dos CEUs foram criadas - em princípio - com a função de serem bibliotecas públicas. Isto fica evidente ao se verificar a estrutura montada, o *layout*, o tipo de acervo comprado para as unidades e pelo Manual Interno do CEU (PADILHA, 2004).

O conceito idealizado para as bibliotecas do CEU foi baseado no Manifesto da ***I****nternational* ***F****ederation of* ***L****ibrary* ***A****ssociations and Institutions e United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* - (IFLA/UNESCO, 1994), que orienta sobre a missão da biblioteca pública:

1. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. Apoiar a educação individual e a autoformação, assim como a educação formal em todos os níveis;
3. Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
5. Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
6. Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes e do espetáculo;
7. Fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
10. Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
11. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
12. Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

A função social da biblioteca pública - de preservar, organizar e disseminar cultura e informação, junto com sua função de memória dos saberes racionais da humanidade - possibilita aos usuários destas comunidades o acesso a inúmeros documentos:

> A liberdade, a prosperidade e o progresso da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais, mas só serão atingidos quando os cidadãos

> estiverem na posse das informações que lhes permitam exercer seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação (UNESCO, 1994).

As bibliotecas públicas em todos os países, mas principalmente nos países em desenvolvimento, têm a função de ser um lugar de memória, de conservação de patrimônio literário, intelectual e artístico de um povo. É um espaço para que aconteça a dialética entre passado e a inovação. Nestes espaços a conservação trabalha como fermento para novos saberes e motor para o conhecimento. As bibliotecas públicas ligam, parafraseando Gouvêa (2010), ”antigos becos a modernas avenidas, velhas estações de trens a novos aeroportos, enfim, um estreitamento entre o passado e o presente.”

Entretanto, por estar a biblioteca dentro de um complexo escolar, sua vocação educacional é patente e emerge de forma incontestável, pois as atividades básicas diárias de uma biblioteca do CEU estão relacionadas com os objetivos esperados de uma biblioteca escolar, segundo a IFLA/UNESCO (2005):

1. Apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
2. Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
3. Oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
4. Apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
5. Prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões; organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
6. Trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
7. Proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
8. Promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor.

A multiplicidade de acervos e a diversidade de interesses trazem conflitos entre os profissionais responsáveis pela biblioteca, a gestão dos CEUs e o público atendido. Contudo,

os conflitos ficam ainda mais significativos quando novos acervos públicos e enredos são inseridos nestas bibliotecas

Em 2009 foi firmado convênio entre a Secretaria de Desenvolvimento, a Secretaria Municipal de Educação e o Centro Paula Souza, a fim de viabilizar a instalação de classes descentralizadas de Escolas Técnicas (Etecs) em salas dos CEUs na implantação de cursos técnicos no período noturno.

Em 2013 a complexidade do público e do acervo dessas bibliotecas foi ainda mais ampliada com a criação da Rede de Universidades nos Centros Educacionais Unificados (UniCEU). A rede é composta por Pólos de Apoio Presencial, que constituem as Unidades de Articulação Acadêmica nos CEUs, em parceria com instituições de Ensino Superior (IES) e Institutos de Formação Técnica e Tecnológica, articulando a oferta de cursos de Graduação, Tecnológicos, de Especialização, de Aperfeiçoamento e Mestrado Profissional, entre outros.

Importa ressaltar que as demandas originadas a partir destes convênios fogem ao projeto original de criação dessas bibliotecas e do próprio equipamento CEU.

Nessa tentativa de promover a educação de nível técnico e superior - com a ampliação de cursos e acervos - cabe observar o impacto destas mudanças e verificar estes conjuntos de iniciativas, pois o acesso aos bens culturais e à educação é um dever do Estado e que altera o desenvolvimento e a construção do indivíduo como um ser social. A expectativa quanto a essas ações é de que haja um desenvolvimento cultural e educacional transformador, aumentando a capacidade reflexiva dos sujeitos por elas atingidos, tornando-os conscientes de seus direitos e possibilidades.

Sendo um equipamento público, as bibliotecas dos CEUs sofrem a influência direta do Estado. Chauí (1995, 82) nos relata as quatro principais modalidades de relação do Estado com a cultura, no Brasil:

> • A *liberal,* que identifica cultura e belas-artes, estas últimas consideradas a partir da diferença clássica entre artes liberais e servis. Na qualidade de artes liberais, as belas-artes são vistas como privilégio de uma elite escolarizada e consumidora de produtos culturais.
> • A do *Estado autoritário,* na qual o Estado se apresenta como produtor oficial de cultura e censor da produção cultural da sociedade civil.
> • A *populista,* que manipula uma abstração genericamente denominada *cultura popular,* entendida como produção cultural do *povo* e identificada com o pequeno artesanato e o folclore, isto é, com a versão popular das belas-artes e da indústria cultural.

> • A *neoliberal,* que identifica cultura e evento de massa, consagra todas as manifestações do narcisismo desenvolvidas pela *massmidia,* e tende a privatizar as instituições públicas de cultura, deixando-as sob a responsabilidade de empresários culturais.

Ainda para Chauí (1995, 82) "(...) do lado dos produtores e agentes culturais, o modo tradicional de relação com os órgãos públicos de cultura é o clientelismo individual ou das corporações artísticas que encaram o Estado sob a perspectiva do grande balcão de subsídios e patrocínios financeiros".

Os equipamentos CEUs são parte de um projeto de educação popular que - por meio da cultura, tecnologia, educação e lazer - busca diminuir as desigualdades sociais nos subúrbios paulistanos, implantando em um só local diversos equipamentos (biblioteca, teatro, telecentro, entre outros). Com prédios modernos e arrojados que destoam das periferias em que se encontram, o custo da construção de um CEU, segundo Mazzitelli e Campanha (2012) é o sêxtuplo de uma escola fundamental.

O entorno destes equipamentos sofre muitas transformações, pois a construção de um CEU numa localidade equivale a uma reforma urbana, custeada pelo orçamento da Secretaria Municipal de Educação, mas que visa ter um alcance maior. Analisar o alcance destas transformações é vital para a elaboração e manutenção de políticas públicas.

Não há biblioteca escolar nas outras unidades escolares de SME além das bibliotecas das unidades CEUs. A Lei 12.244 tenta reverter a falta de bibliotecas escolares em todo o país. Exceto nos equipamentos CEUs na cidade de São Paulo, nas escolas públicas há apenas salas de leitura. As salas de leitura existentes nas outras unidades educacionais da Prefeitura Municipal (Escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental) servem exclusivamente a essas unidades, cabendo às bibliotecas públicas a oferta de leitura e informação para o público em geral. Uma das atribuições das bibliotecas nos equipamentos CEUs, portanto, é a mediação cultural entre as políticas públicas da SME, o equipamento CEU e a comunidade.

Dessa forma, na perspectiva de que as bibliotecas do CEUs são, a princípio, bibliotecas públicas e que, como fonte de mediação cultural, têm atribuições próprias e pertinentes a esta condição, vale a pena recorrer a Pierruccini (2007, 47), quando afirma:

> Ao assumir sua condição de dispositivo de mediação cultural, a biblioteca pública necessariamente estabelecer-se-á a partir de uma "ordem informacional dialógica" que implica na adoção de configurações que garantam ao seu ambiente as características de um espaço informacional, apresentando um repertório cultural diversificado e que espelhe o seu contexto social, adotando linguagens

> informacionais adequadas à representação, organização e recuperação ágil da informação, contando com mediadores capacitados e aptos ao exercício da comunicação sensível e acolhedora. Além disso, nessa perspectiva a biblioteca pública compromete-se com o desenvolvimento de práticas informacionais dialógicas, tanto no que tange às atividades culturais que desenvolve e promove, quanto àquelas ligadas às suas próprias práticas de gestão.

Ainda na perspectiva da biblioteca pública e suas atribuições, Bernardino, Suaiden e Cuevas-Cerveró (2013), em consonância com as diretrizes do Manifesto da IFLA/UNESCO (1994) expõem que, em práticas formais, as bibliotecas públicas deveriam buscar aspectos, meios, condições, entre outros, formas que possibilitassem a autoeducação e apropriações de conhecimento.

Além disto, na medida em que o Estado deve ser um provedor dos direitos de cidadania, Benhamou (2007, p.72) afirma que "(...) qualquer que seja o campo, a intenção do Estado, geralmente controvertida, contribui para moldar a oferta e a condicionar a demanda".

As bibliotecas públicas, assim como os demais serviços públicos, devem ser uma resposta aos direitos da população, os quais se tornam um gerador de novas práticas sociais.

Cabe destacar que a oferta de serviços públicos de qualquer natureza não só responde aos direitos de cidadania, como serve de indutora de novas práticas sociais. Neste aspecto, a contribuição de Oliveira (2008, p. 18), ao incluir a distribuição geográfica como elemento significativo de acesso aos serviços de saúde, mostra que este é um aspecto fundamental, especialmente para municípios de grande porte, como é o caso do município de São Paulo:

> A disponibilidade de serviços e sua distribuição geográfica, a disponibilidade e a qualidade dos recursos humanos e tecnológicos, os mecanismos de financiamento, o modelo assistencial e a informação sobre o sistema são características da oferta que afetam o acesso.

Entretanto, a distribuição de equipamentos culturais na cidade de São Paulo, como Botelho (2004, p. 12) afirma, é feita de forma desequilibrada, havendo baixa correspondência entre crescimento urbano e a distribuição dos equipamentos culturais.

Para Botelho (2004, p. 34), as bibliotecas municipais de São Paulo tentam reverter esse quadro através de uma melhor distribuição espacial. Por isto a importância de estudar as bibliotecas do CEUs, pois na maioria dos casos não há nenhum outro equipamento cultural público em seu entorno: todas elas estão situadas em áreas com baixo Índice de Desenvolvimento Humano - IDH.

Por outro lado, a pesquisa de Nimrichter, Lage e Muniz (2014) mostra que a origem social influi decisivamente na utilização de equipamentos culturais, mesmo em se tratando de alunos do ensino superior, como a amostra utilizada (alunos do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus de São Gonçalo): 55% deles nunca frequentaram cinema, 80% nunca foram a um teatro e 52% nunca frequentaram museus ou centros culturais.

O interessante é que, apesar de comporem um grupo de pesquisa em literatura, não investigaram a frequência e os tipos de obras literárias lidas por esses alunos, foco deste trabalho.

Essa relação entre características socioculturais e utilização de equipamentos culturais tomará como base as contribuições de Bourdieu e Darbel (2003), para quem a importância da instrução familiar aliada e ratificada pela escola estabelece a reprodução do hábito cultural.

Para eles, o apreço pela arte e cultura está relacionado ao capital cultural herdado, às tendências, costumes, e gostos familiares e não por predileções naturais e espontâneas.

O gosto pela arte e os hábitos de cultura não são natos, mas frutos de conversas, reflexões, viagens, filmes, músicas, teatros, entre outros, adquiridos e desenvolvidos no âmbito familiar. E isto se reflete no frequentar equipamentos culturais que, mesmo sem a intenção, acabam privilegiando quem já tem capital intelectual incorporado.

Ou seja, a apropriação simbólica só ocorre em quem já é possuidor de capital cultural:

> Para que a cultura possa desempenhar sua função de legitimação dos privilégios herdados, convém e basta que o vínculo – ao mesmo tempo patente e oculto – entre a cultura e a educação seja esquecido ou negado. A ideia contranatural de uma cultura de nascimento, de um dom cultural, outorgado a alguns pela natureza, pressupõe e produz cegueira relativamente às funções da instituição que garante a rentabilidade da herança cultural, além de legitimar sua transmissão, dissimulando que ela desempenha tal função (...). (BOURDIEU e DARBEL, 2003, 166).

Ou seja, para Bourdieu (2007), o destino social de um indivíduo está atrelado aos investimentos realizados em seu percurso de vida, investimentos esses que dependem da posição ocupada pelo grupo a que pertence, bem como, do volume de capitais (cultural, social e econômico) que possui. Conforme suas condições objetivas, cada grupo social (popular, médio ou superior) procura investir de acordo com aquilo que lhe parece possível, podendo

criar estratégias de investimento (escolar, social, entre outros) que possibilitem sua manutenção ou ascensão social.

Não basta o equipamento cultural estar fisicamente acessível à população, como as bibliotecas dos CEUs, pois a frequência aos equipamentos culturais demonstra que privilegia, mesmo sem intenção, os "privilégios herdados", ou seja, apenas quem teve a oportunidade de aprender os códigos culturais com a família e com a escola têm condições reais de se apropriar dos bens e equipamentos culturais.

É visível que a maioria das ações do poder público não leva equipamentos culturais a áreas periféricas, sob a falsa justificativa de que as camadas populares não possuem gosto ou interesses "naturais" suficientes para deles usufruir. Na verdade, evidenciam o privilegiamento das camadas sociais superiores. Apesar disso, a proposição que implementou os CEUs, (incorporando, além do prédio escolar, equipamentos culturais como o teatro e a biblioteca e equipamentos para a prática esportiva), fundamentou-se exatamente no movimento oposto a essa forma tradicional de oferta de equipamentos culturais - razão pela qual vale a pena apresentar aqui os principais argumentos utilizados para sua criação e disseminação pelo município.

# CAPÍTULO 2

## AS BIBLIOTECAS DOS CEUs: biblioteca e gêneros literários que disponibilizam aos usuários

### 2.1. Os diferentes tipos de bibliotecas

É comum dizer que as bibliotecas dos CEUs são bibliotecas híbridas. Entretanto, o conceito de biblioteca híbrida encontrado na literatura está ligado à transição do suporte da informação. Garcez e Rados afirmam que "(...) o nome biblioteca híbrida deve refletir o estado transacional da biblioteca, que hoje não pode ser completamente impressa nem completamente digital" (2002, 45). Ou seja, a informação encontrada na biblioteca pode estar em papel ou em formato digital.

No Brasil já há bibliotecas públicas totalmente virtuais. No entanto, o que ocorre com as bibliotecas dos CEUs não é apenas a transição do suporte físico da informação, mas são diferentes tipos de bibliotecas e de acervos dentro de uma mesma unidade de informação.

Nas unidades de bibliotecas dos CEUs dentro da mesma unidade de informação encontramos a biblioteca comunitária, a biblioteca escolar, a biblioteca pública, e a biblioteca universitária.

Na medida em que o projeto dos CEUs considerou que as bibliotecas ali instaladas deveriam cumprir, além da função tradicional de biblioteca pública, a de biblioteca escolar, a de biblioteca comunitária e, posteriormente, a de biblioteca universitária, segue uma breve descrição sobre essas tipologias de bibliotecas.

#### 2.1.1 Biblioteca Comunitária

As bibliotecas comunitárias ou populares (como também são chamadas) são unidades de informação concebidas e preservadas pela sociedade civil. Machado (2008, p. 49) coletivos, na maioria das vezes sem apoio institucional, em periferias com pouco ou nenhum afirma que estas bibliotecas surgem de forma espontân

ea e são mantidas por indivíduos ou acesso a bens culturais. Freire (1982, p.28) afirmava que as bibliotecas populares eram uma "resposta a exigências populares provocadas por um esforço de cultura popular, é política."

Devido à falta de equipamentos públicos nas periferias, as bibliotecas comunitárias muitas vezes são dos poucos espaços de resistência da comunidade. Os saraus, os encontros literários, os encontros de troca de receitas, entre outros, auxiliam na transformação e formação educacional de jovens, crianças e adultos.

Essas bibliotecas têm as funções de atendimento e acolhimento a sua comunidade, muitas vezes não encontrados em equipamentos públicos. Em sua maioria, as bibliotecas comunitárias compreendem o acesso ao livro, à literatura, a leitura e a própria biblioteca como um direito humano.

Garantir este espaço e este direito é fundamental na formação de novos leitores e cidadãos críticos. Por ser fruto da comunidade na qual está inserida, a biblioteca comunitária tem maior facilidade de promover uma maior inclusão social, cultural e informacional do que as bibliotecas públicas. Rabello (1987, p. 34) diz que as bibliotecas populares ou comunitárias "conscientizam os grupos, com os quais trabalham, para os direitos e necessidades do cidadão."

Contudo, quando as bibliotecas dos CEUs fazem projetos com as donas de casas e a população do entorno para o Clube do crochê, xadrez, artesanato, aulas de yoga, entre outras, abre o espaço para a comunidade. E utilizam as mesmas estratégias que as bibliotecas comunitárias. E, como cita Milanesi (1986), aproxima a missão da biblioteca pública à da biblioteca comunitária.

> As bibliotecas comunitárias seguem a missão da biblioteca pública, que deve promover o acesso aos registros do conhecimento, o estímulo à leitura e sua interpretação através de atividades como a hora do conto, concurso de poesia e literatura, e ainda, focar questões do cotidiano da comunidade como: saúde, transporte, segurança, esportes, etc. (MILANESI, 1986, p. 69).

Almeida Junior (1997, p.126) explica que o ponto em comum entre as bibliotecas públicas e as comunitárias deveria ser a preferência no atendimento às "classes populares" ou "populações menos privilegiadas". Freire (1982, p.32) afirma que nas bibliotecas populares também não há neutralidade, pois o mito da neutralidade leva à negação política do processo

educativo. Espera-se destas bibliotecas uma posição crítico-democrática para com sua comunidade.

### 2.1.2. Biblioteca escolar

A biblioteca escolar tem por finalidade auxiliar o interesse de informação e leitura da comunidade escolar no qual a biblioteca está inserida. Também trabalha em consonância com o projeto pedagógico escolar.

Desde o século XVI já havia bibliotecas escolares no Brasil, nos mosteiros jesuítas. Segundo Fonseca (1979), a primeira surgiu em 1568 no Colégio da Bahia, e no século XVII outras ordens religiosas vindas ao Brasil reforçaram a importância dessas bibliotecas nas unidades escolares. Segundo este mesmo autor, o acervo dessas bibliotecas era formado sobretudo por obras religiosas, doutrinárias e litúrgicas vindas de Portugal.

Se essas iniciativas mostram que havia alguma tradição de bibliotecas escolares no Brasil, no que se refere a uma política efetiva, foi apenas no final da década de 20 e começo da década de 1930 que as bibliotecas escolares começaram a fazer parte do cotidiano das escolas públicas. Em 1928, como cita Gonçalves (2014), toda escola do Rio de Janeiro deveria ter duas bibliotecas escolares: uma para os alunos e outra para os professores. Ainda segundo Gonçalves (2014), em 1936 havia 440 bibliotecas escolares infantis em São Paulo.

Mesmo com a crescente incorporação de bibliotecas escolares infantis a partir da década de 30 e de elas terem sido sempre valorizadas nos documentos oficiais[3], assim como prevista em lei e em documentos internacionais[4], no Resumo Técnico de 2017 do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais *Anísio Teixeira)*, o número de escolas que possuíam bibliotecas no país era de 39% na rede pública e 82% na rede particular de ensino (BRASIL, MEC. INEP 2017).

Ou seja, mesmo após mais de 80 anos das primeiras iniciativas e de sete anos da promulgação da Lei 12.244/2010 - que estabeleceu que toda a escola do país tenha uma biblioteca - esses números mostram que a ação política efetiva está muito distante do discurso

[3] Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL.MEC, 1997), por exemplo, orientam e estabelecem a biblioteca escolar como um importante auxílio na aprendizagem.
[4] A Lei 12.244/2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país, e o Manifesto da IFLA/UNESCO (UNESCO, 1994) são conhecidos como norteadores e estimuladores para o desenvolvimento das funções da biblioteca escolar no Brasil.

e das proposições legais e técnicas, sem levar em conta que boa parte das bibliotecas escolares públicas brasileiras têm condições precárias em termos de espaço físico e acervo., conforme afirma Macedo (2005, p.68):

> (...) os pontos críticos, todavia, não recaem tão somente na inexistência da biblioteca escolar, mas na sua precariedade: ou é "arremedo de biblioteca escolar", sem organização, confusa e que não pode servir de modelo para o uso correto da informação, ou não conta com alguém motivado para dinamizar a prestação de serviços bibliotecários.

Nas unidades de bibliotecas dos CEUs há a expectativa de se encontrar um ambiente escolar em suas unidades, mas a falta de aquisição de um acervo voltado para o público escolar e a falta de outros profissionais do âmbito escolar (pedagogos, professores, psicólogos, entre outros) dentro do quadro funcional das bibliotecas prejudica a formação adequada do ambiente escolar.

A IFLA, em suas diretrizes, declara que:

> (...) está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literancia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação (IFLA, 2000, 2).

Com a incumbência de ser um espaço de reflexão, de estudo, de auxílio na formação de um individuo crítico e da construção do conhecimento, a biblioteca escolar deve aguçar o interesse intelectual, o enriquecimento cultural e a formação do hábito de leitura de sua comunidade escolar. Contudo, para alcançarmos plenamente esta condição de instituição educativa e social, é necessário que a Lei 12.244 e as diretrizes da IFLA e do MEC sejam cumpridas.

Bibliotecários/as e a comunidade escolar precisam atuar em conjunto para que a normas (lei e diretrizes) sejam cumpridas e haja um fortalecimento e ampliação no número de bibliotecas escolares no país.

### 2.1.3. Biblioteca Pública

A Inglaterra e os Estados Unidos são os países com maior destaque na construção da biblioteconomia moderna. Nestes países a urbanização e o desenvolvimento industrial nos séculos XVIII e XIX, com a consequente formação de grandes cidades, fizeram com que houvesse o surgimento dos primeiros atendimentos aos usuários de biblioteca de forma

organizada, como explicam Machado, Elias Junior e Achilles (2014). A expectativa da sociedade da época era de que a biblioteca pública contribuísse para o progresso e ordem social. Nos Estados Unidos esperava-se também que a biblioteca pública contribuísse com a democracia do país. Ainda segundo estes autores, no final do século XIX o papel da biblioteca pública era o de promover a educação das classes mais baixas e conservar os valores sociais da época.

No início do século XX o papel da biblioteca pública se altera e passa a ser relevante o uso realizado com a informação adquirida e pela relevância da informação para a sociedade.

Surgem também correntes de pensadores como Ranganathan, (apud Mueller, 1984, p. 22) que criou cinco princípios normativos para a biblioteconomia:

- Os livros existem para serem usados
- A cada leitor, seu livro
- A cada livro, seu leitor
- Poupe o tempo do leitor
- A biblioteca é um organismo em expansão

A contribuição de Ranganathan é simples, mas nem sempre é fácil atingir seu objetivo. No Brasil esta corrente de pensamento da biblioteconomia teve muitos adeptos.

Após a Segunda Guerra Mundial houve empenho em melhorar as condições de vida das populações por meio da educação, e com isto se estimulou o uso das bibliotecas públicas. Visando diminuir o analfabetismo e a exclusão social, na Inglaterra e nos Estados Unidos foram criadas políticas públicas em que as bibliotecas públicas estavam direcionadas para auxiliar neste processo. Contudo, havia um certo receio de que este estímulo em relação às bibliotecas fosse usado para a massificação dos indivíduos.

No Brasil, a despeito das desigualdades sociais e do alto índice de analfabetismo, os estudos biblioteconômicos comprovam que não houve e ainda não há uma política pública que envolva as bibliotecas públicas no sentido de que ajudem a superar esta situação de vulnerabilidade da nação.

Até os anos de 1970, segundo Milanesi (1983, p.55) “(...) a biblioteca pública era uma iniciativa que tinha claras intenções de aprimorar a vida cultural do município ou até mesmo estimular a boa leitura”. Contudo, com a ausência de bibliotecas escolares nas instituições de ensino, a biblioteca pública no Brasil foi assumindo características da

biblioteca escolar em seus acervos e nos serviços prestados aos usuários. Entretanto, os Manifestos da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas e sobre Bibliotecas Escolares serviram como um novo paradigma da biblioteconomia brasileira.

Com as tentativas de implantar no Brasil as orientações dos manifestos, houve uma pequena mudança na concepção de biblioteca pública, como afirmam Machado, Elias Junior e Achilles (2014, p. 120) "(...) a função principal das bibliotecas públicas é a promoção da leitura para o público infantil, a oferta de espaço de estudos para o público jovem, além de empréstimo de livros e, em municípios de grande porte, o acesso à internet".

Figura 5 – Biblioteca Narbal Fontes

Fonte: SMC

Ainda tentando cumprir as orientações dos manifestos da UNESCO, até a arquitetura dos prédios das bibliotecas foi sendo modificada, num esforço de transformá-las em espaço mais acolhedor e lúdico para as crianças e adolescentes frequentadores das bibliotecas públicas. O prédio da biblioteca Narbal Fontes (figura 5), localizada no bairro paulistano de Santana, foi construído no formato de um castelo e é mantido assim para aproveitar a potencialidade arquitetônica e lúdica do prédio.

Mesmo seguindo as normas dos Manifestos da IFLA/UNESCO, a biblioteca pública brasileira, como dizia Flusser (1980, p. 137), está distante de sua vocação, que é a de vir a ser o centro cultural de sua comunidade e um instrumento de libertação.

Os pais da biblioteconomia enxergavam na biblioteca pública uma local de libertação e democracia. Mas o que encontramos na maior cidade da América do Sul são equipamentos sucateados, sem funcionários em quantidade e capacitação adequadas e sem acervo. Desde sua criação não há nos equipamentos dos CEUs uma equipe fixa que catalogue os livros adquiridos por compra ou doação. Foram colhidos depoimentos que afirmam que, como não há o profissional catalogador, parte do acervo das bibliotecas não está na base de dados da cidade. O empréstimo é feito por meio de anotações em cadernos ou planilhas.

Figura 6 - Biblioteca Circulante – 1937

Fonte: SMC

Entretanto, nem sempre foi assim nas bibliotecas de São Paulo. Mario de Andrade, Secretário Municipal de Cultura da cidade de São Paulo em 1934, quando criou o Sistema Municipal de Bibliotecas, já pensava em criar um centro de catalogação e formas de levar livros de forma acessível à população em áreas periféricas.

A figura de número seis mostra a primeira versão paulistana do ônibus-biblioteca. Este veículo ia até as comunidades distantes levando livros aonde não havia bibliotecas. Esta foto da “biblioteca circulante” é de 1937 no bairro do Itaim Bibi. Neste local foi criada em 1946 a primeira biblioteca de bairro da cidade de São Paulo, a BM Anne Frank. É bom lembrar que nessa época o Itaim Bibi era um bairro da extrema periferia da cidade de São Paulo.

### 2.1.4. Biblioteca Universitária

A biblioteca universitária busca colaborar e apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão de uma IES – Instituição de Ensino Superior. Auxilia o corpo discente e docente, além dos pesquisadores e da comunidade acadêmica no geral. A biblioteca universitária está sempre ligada a uma IES, e busca atender fundamentalmente às necessidades bibliográficas dos currículos dos cursos da instituição, que podem ser pública ou privada.

As bibliotecas universitárias têm como função guardar e disponibilizar seu acervo, além do material técnico-científico externo, e também documentos, materiais e conteúdos gerados na IES a que pertence.

No Brasil, o surgimento das bibliotecas universitárias iniciou-se em paralelo com as bibliotecas escolares. Para Moraes (2006), as bibliotecas escolares tiveram seus acervos ampliados em nível universitário. Em 1757, na biblioteca do colégio de Salvador, para o ensino da disciplina de matemática, a biblioteca possuía obras de Clavius, Kricher, Newton e Descartes, autores considerados muito avançados para a época. Segundo esse mesmo autor, o colégio Santo Alexandre, no Pará, em 1760 tinha mais de 2.000 volumes de livros, assim como em meados do século XVIII, o Colégio dos Jesuítas, no Rio de Janeiro, tinha um acervo de 5.434 volumes.

Contudo, o mesmo autor informa que - com a expulsão da Companhia de Jesus - as bibliotecas universitárias no país sofreram um grande retrocesso. Os livros foram retirados dos colégios e por anos foram amontoados em lugares inapropriados. Em sua quase totalidade as obras confiscadas da Companhia de Jesus foram destruídas, roubadas ou vendidas como papel velho.

Em 1931, como afirmam Cunha e Diógenes (2016), houve a criação e regulamentação das universidades no país. E só em 1945, com a consolidação do ensino superior privado e as exigências do mercado, é que houve a criação das bibliotecas ligadas às universidades, com o nome de biblioteca central. A primeira Biblioteca Central Universitária surgiu no Rio de Janeiro, em 1945 na Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do

Rio de Janeiro - UFRJ) e em São Paulo, em 1947, foi criada a Biblioteca Central da Universidade de São Paulo (USP).

A partir da década de 1970 houve um fortalecimento da pós-graduação no Brasil. As bibliotecas universitárias começaram a se mobilizar na tentativa de criação de um órgão que pensasse as políticas públicas e comuns da área. Como lembra Chastinet (apud Cunha e Diógenes, 2016, p. 106) em 1985, o IV Seminário de Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) foi a base para que a Secretaria de Educação Superior (SESU) criasse o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU). Com o PNBU as bibliotecas universitárias avançaram de forma significativa em sistemas de informações compartilhados, em ações voltadas ao planejamento das bibliotecas, ao desenvolvimento de coleções, ao processo técnico, automação de bibliotecas e de projetos cooperativos.

Este breve relato das tipologias das bibliotecas implicadas no projeto de criação dos CEUs procurou evidenciar as diferentes funções que cada uma delas deve exercer diante de públicos distintos, e que servem de pano de fundo da apresentação e análise dos dados sobre o uso desse novo equipamento cultural implantado pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

## 2.2. Os acervos disponibilizados pelas Bibliotecas dos CEUs

Sendo um equipamento cultural, as bibliotecas da Rede CEU são compostas por múltiplos acervos, e na medida em que uma das formas de análise será estabelecer relações entre as características dos usuários e o gênero de literatura consultada, em primeiro lugar cabe delimitar cada um deles.[5]

### 2.2.1. Literatura infantojuvenil

A literatura infantojuvenil - como toda literatura - é uma força transformadora que auxilia na descoberta do poder da palavra, na dialética entre a razão e imaginação, na redescoberta do eu, na interação com o outro, entre outras coisas. Partindo do pressuposto histórico, a literatura infantojuvenil contribuiu de forma valiosa para a história social, literária

[5] Nossa intenção era a de, além desses gêneros, incluir os livros técnicos, mas esse gênero só passou a ser classificado nos empréstimos a partir de 2015, o que inviabilizou sua inserção.

e bibliográfica. Na perspectiva contemporânea, como afirma Hunt (2010, p. 43), é essencial para a alfabetização e cultura.

A literatura infantojuvenil foi criada com a finalidade de divertir e educar as crianças. Coelho (2000, p.147) explica que as obras proporcionavam modelos de bom ou mau comportamento, transmitindo valores consagrados pela sociedade com linguagem e expressões familiares ao leitor. Era a visão que o adulto tinha de como as crianças deviam se comportar.

A literatura infantojuvenil abrange gêneros como: conto de fadas, conto popular, narrativa para a escola, textos religiosos e/ou sociais, textos dirigidos a cada um dos sexos, fantasias, mitos e lendas, entre outros. E cada um destes gêneros possui uma extensa complexidade.

### 2.2.2. Literatura geral

Literatura se origina da palavra latina *littera,* que significa letra. A literatura é a arte em forma de palavra. Desde as escritas rupestres o ser humano se preocupa em transmitir e registrar os acontecimentos do cotidiano - e a literatura é uma das formas de se fazer este registro.

Sendo uma das manifestações artísticas humanas, a literatura representa comunicação, linguagem e criatividade de um povo. Cunha e Cavalcanti (2008, p.230) definem literatura "(...) como o conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pertencentes a um país, época, gênero, etc.".

A concepção que hoje temos de literatura vem do Iluminismo. Poesia, drama, contos e prosa são algumas das formas literárias encontradas.

### 2.2.3. Livros didáticos

Como ensinam Cunha e Cavalcanti (2008, p.267), os livros didáticos são publicações que apresentam estilo e características adequadas à instrução e ao ensino.

O livro didático surge como uma ferramenta para contribuir com o ensino/aprendizagem da sociedade. É um complemento aos livros clássicos. O livro didático auxilia os alunos a avançar em seus conhecimentos. Uma de suas funções é explicar as bases teóricas e as concepções de ensino, além de trazer diversos complementos como textos extras, explicações mais detalhadas, informações sobre pesquisas recentes da área.

O livro didático pode ser criado por um ou mais autores e podem ainda ter a ajuda de pesquisadores, consultores e colaboradores que auxiliam da criação deste material.

Desde 1994 o livro didático é submetido à avaliação do Ministério da Educação que verifica se há erros de conceitos, de redação e conteúdo.

### 2.2.4. Obras de referências

As obras de referência são compilações de dados sobre o conteúdo de um determinado tema. As obras podem ser específicas - como compilações temáticas, profissionais - ou gerais, como dicionários, bibliografias, anuário, índices, enciclopédias, guia de fontes, periódicos de resumos, dentre outros.

Costuma-se ter apenas as informações fundamentais para o entendimento dos verbetes. São pequenas reflexões sobre o tema. Seu conteúdo é escrito de forma impessoal e normalmente não há assinatura do autor de cada entrada. Em sua maioria, as obras de referência não estão destinadas a uma leitura contínua. Cada obra possui um formato, buscando organizar as informações de modo a facilitar ao usuário a localização do conteúdo.

Cunha e Cavalcanti (2008, p.266) definem obra de referência como "(…) documento que fornece acesso rápido à informação ou às fontes de informação sobre um assunto (…)". São principalmente obras de consulta, que buscam sanar pequenas dúvidas ou indicar outras que expliquem de forma mais detalhada o tópico ou conteúdo.

Com base nas ponderações estabelecidas nestes dois primeiros capítulos, o próximo será dedicado à análise da função das bibliotecas dos CEUs, por meio dos empréstimos efetuados aos distintos públicos a que sua criação afirmava atender.

# CAPITULO 3

## USO DO ACERVO E PERFIL DOS USUÁRIOS DAS BIBLIOTECAS DOS CEUs

Este capítulo, tal como indicado nos capítulos precedentes, apresenta os resultados obtidos sobre o perfil dos usuários e o tipo de literatura consultada, como expressão da função social exercida de fato pelas bibliotecas dos CEUs, de acordo com os objetivos desta investigação. Estão assim distribuídos:

- Incidência anual de uso por:
  - Faixa etária dos usuários
  - Sexo dos usuários
  - Raça dos usuários
  - Nível de escolaridade dos usuários
- Incidência anual de uso pelo tipo de literatura acessada:
  - Literatura infantojuvenil
  - Literatura geral
  - Livros didáticos
  - Obras de referências
- Incidência anual entre o nível de escolaridade e o tipo de literatura consultada.

Cabe ressaltar que, com relação a este último tópico, a seleção de apenas um indicador (nível de escolaridade) se deveu por ser o que mais expressa o capital cultural de usuários com posições sociais muito próximas (Bourdieu, 2007, p.27), bem como responde aos interesses das temáticas envolvidas em programa de pós-graduação em educação.

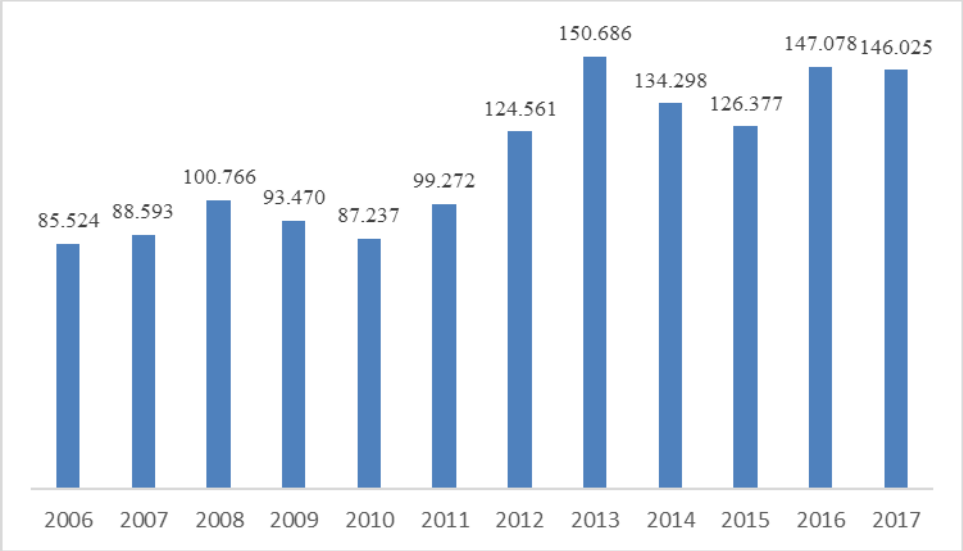
Além disso, todos os dados se referem aos registros de empréstimos, por duas razões:

- porque o uso presencial não tem registros disponíveis;

- mais importante: a simples retirada para uso na própria biblioteca não reflete, necessariamente, que o usuário tenha lido a obra ou parte dela, situação muito mais provável em caso de empréstimos.

Antes de iniciar a apresentação e análise dos dados pelos indicadores selecionados, cabe apresentar a distribuição anual total de empréstimos na série histórica delimitada.

Gráfico 1
Distribuição anual dos empréstimos
(2006/2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

O total geral de todos os empréstimos no período chegou exatamente a 1.383.887, cabendo ressaltar, em primeiro lugar que este não foi o número de usuários, mas de empréstimos, pois um usuário poderia retirar até quatro obras por requisição, assim como um mesmo usuário pode ter feito vários empréstimos em todo o período.

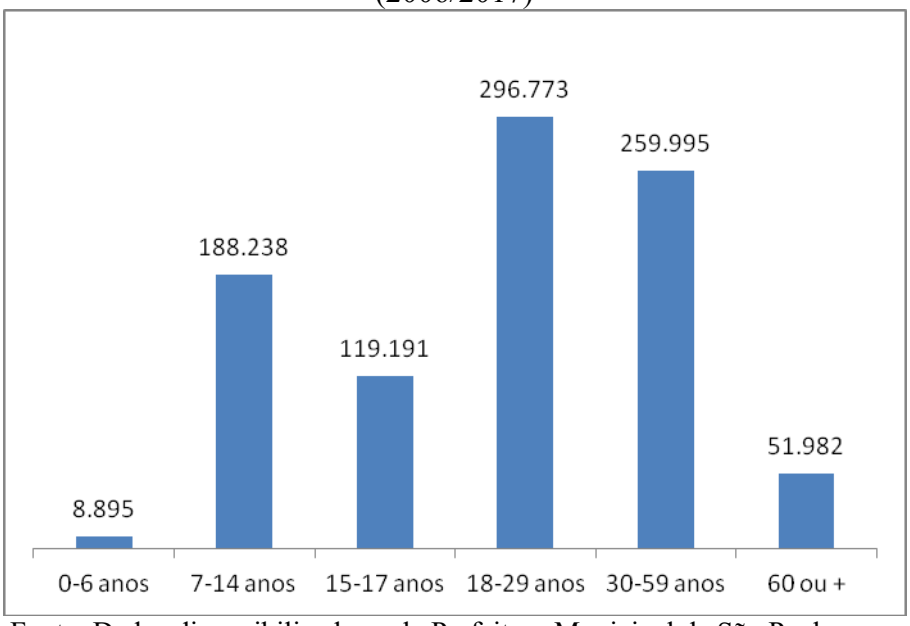
No entanto, em cada uma dos gráficos e tabelas esse total pode ter variado em razão de limitações que serão explicitadas em cada um deles.

## 3.1. Incidência total e distribuição anual de uso por indicador

### 3.1.1. Incidência por faixa etária

O gráfico 2 apresenta o total de empréstimos para usuários em toda a série investigada.

Gráfico 2
Total de empréstimos por faixa etária dos usuários
(2006/2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

O total de empréstimos no período foi de 925.074, menor do que o do total geral, porque 458.813 usuários não declararam sua idade.

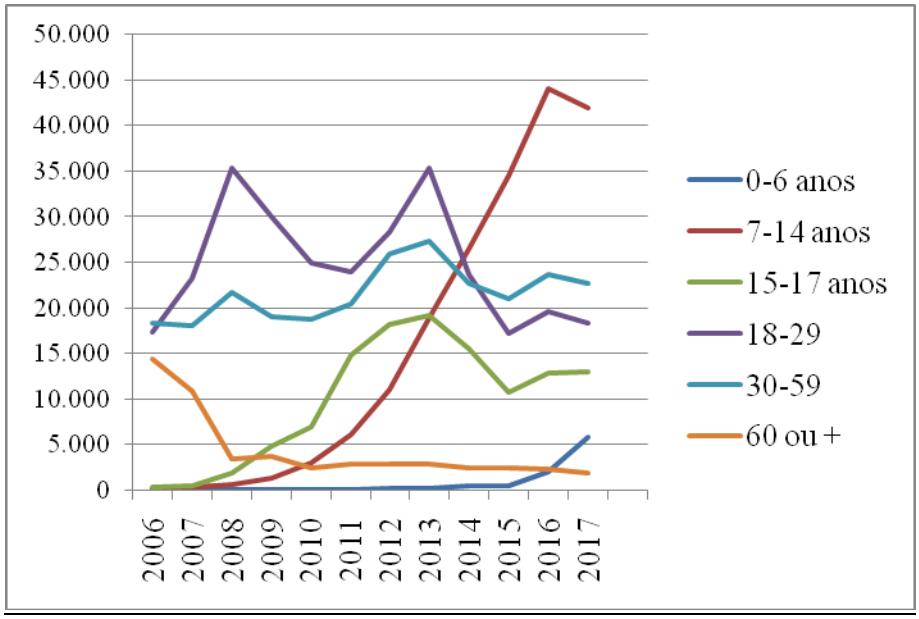
Verifica-se que a maior incidência recai sobre usuários adultos (18 a 59 anos), com a soma de empréstimos nestas faixas totalizando 556.768 exemplares emprestados neste período, superior à soma de todas as outras faixas etárias juntas.

Entre os usuários das bibliotecas dos CEUs em idade escolar, verifica-se uma maior incidência referente àquela correspondente ao Ensino Fundamental. Mesmo assim, causa espécie verificar que essa incidência (cerca de 188 mil frequentadores) é muito superior ao verificado entre usuários com idade correspondente ao Ensino Médio.

O gráfico também demonstra o pouco uso que os idosos fizeram desse acervo.

O gráfico 3 apresenta a distribuição anual no período dos empréstimos por faixa etária dos usuários.

Gráfico 3
Distribuição anual dos empréstimos por faixa etária doas usuários
(2006/2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

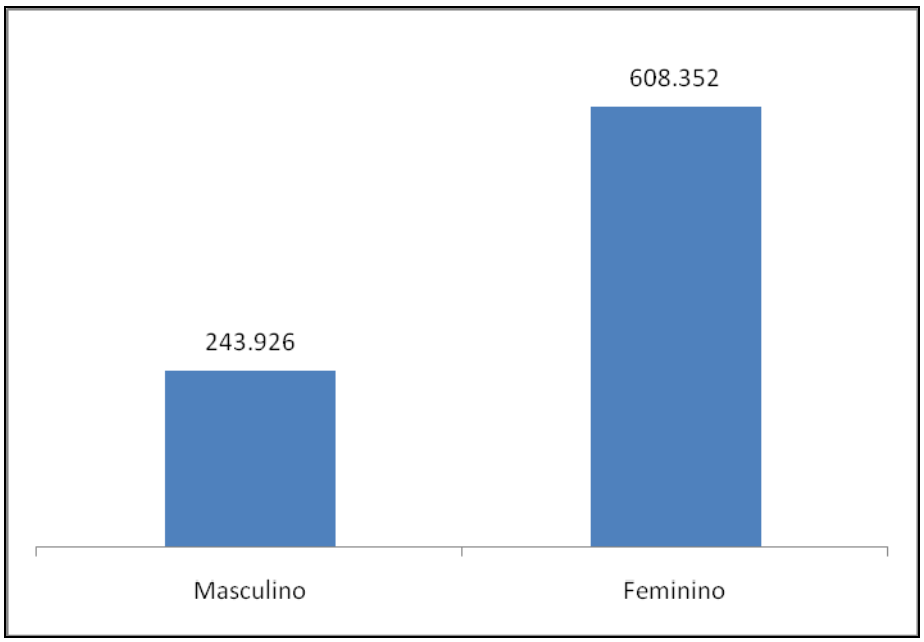
Este gráfico representa o aumento de empréstimos referente a faixa etária dos sete a cartorze anos. Boa parte dos usuários desta faixa etária costuma estar nas EMEFs e se presume que há um trabalho por parte das escolas para que os alunos frequentem a biblioteca do equipamento CEU.

### 3.1.2. Incidência por sexo dos usuários

Este tópico está destinado a apresentar os dados de uso em relação ao sexo dos usuários.

O gráfico 4 apresenta o total de empréstimos por sexo dos usuários.

Gráfico 4
Total de empréstimos por sexo dos usuários
(2006-2017)

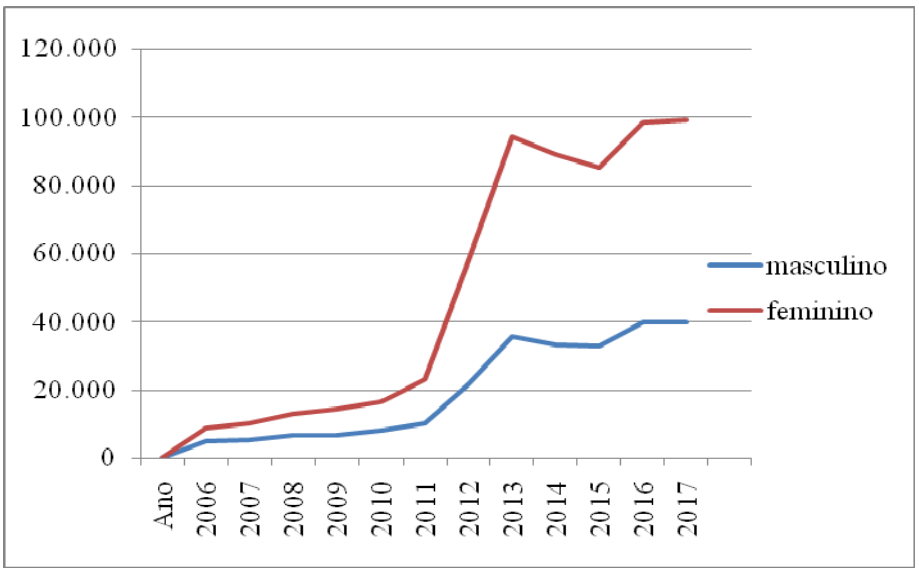



Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

O total de empréstimos no período foi de 852.278, menor do que o do total geral, porque 531.609 usuários não declararam seu sexo.

O número de usuárias nas bibliotecas dos CEUs é muito significativo e fica fortemente representado no gráfico 5 em que estão dispostas as informações sobre a distribuição anual dos empréstimos pelo sexo dos usuários.

Gráfico 5
Distribuição anual dos empréstimos por sexo dos usuários
(2006/2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

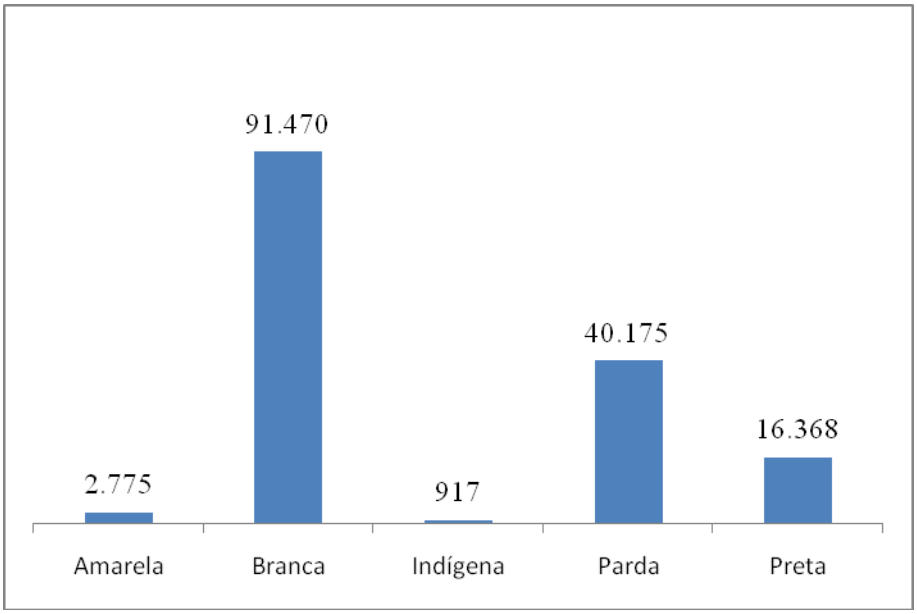
No gráfico 5 destaca-se a curva muito expressiva crescentemente ascendente de usuárias do sexo feminino, partindo em 2006 de 8.846 empréstimos para cerca de 100 mil em 2017.

A curva referente aos usuários do sexo masculino é irregular e cresce de forma lenta. Nestes 12 anos da série histórica, o volume de empréstimos por usuários não chega nem à metade dos empréstimos para usuárias.

### 3.2.3. Incidência total e distribuição anual de uso por raça/cor dos usuários

No gráfico 6 estão dispostos os totais de empréstimos por raça/cor dos usuários.

Gráfico 6
Total de empréstimos por raça/cor dos usuários
(2006-2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

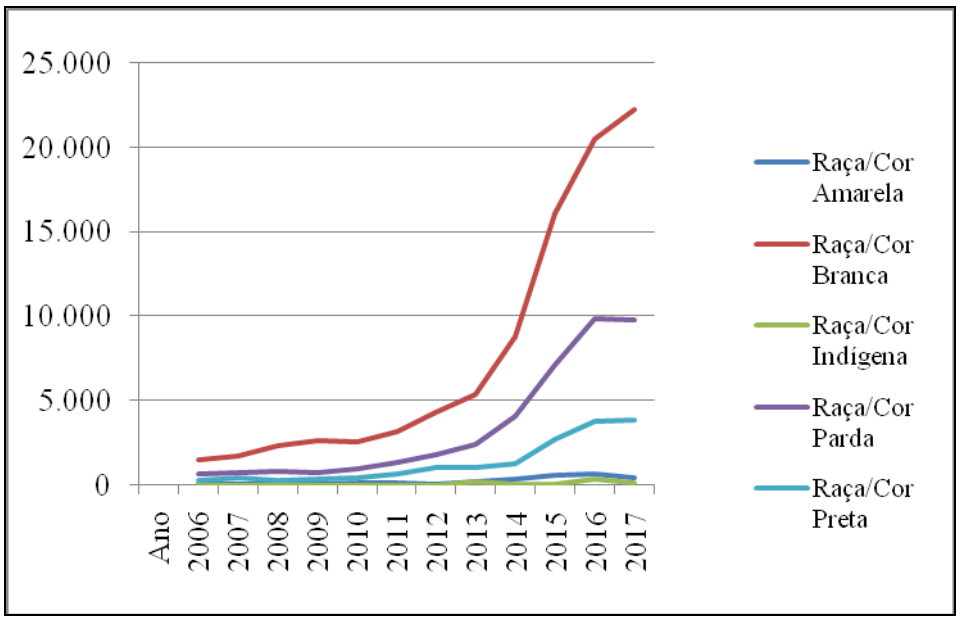
O total de empréstimos no período foi de 151.705, muito menor do que o do total geral, porque 1.232.182 usuários não declararam sua raça/cor.[6] De qualquer forma, a distribuição desse pequeno número evidencia uma discrepância expressiva entre os que se declararam branco com os demais.

Mesmo em bairros periféricos, como os que receberam os equipamentos CEUs, que reúnem grande massa de membros das camadas populares e que segundo os dados do IBGE[7] têm maior concentração de negros e pardos do que nos índices globais (estaduais ou nacionais), a elevada incidência de empréstimos para pessoas da raça/cor branca é muito superior (91.470 de usuários brancos contra 56.543 de pretos e pardos).

O gráfico 7 apresenta a distribuição anual dos empréstimos por raça/cor dos usuários.

[6] Até 2011 não havia um trabalho mais efetivo das bibliotecas para que os usuários declarassem sua ração cor, razão pela qual esse total seja tão baixo.
[7] Segundo os dados do Censo 2010, 43,1% da população se declarou parda e 7,6% como preta.

Gráfico 7
Distribuição anual dos empréstimos por raça/cor dos usuários
(2006-2017)



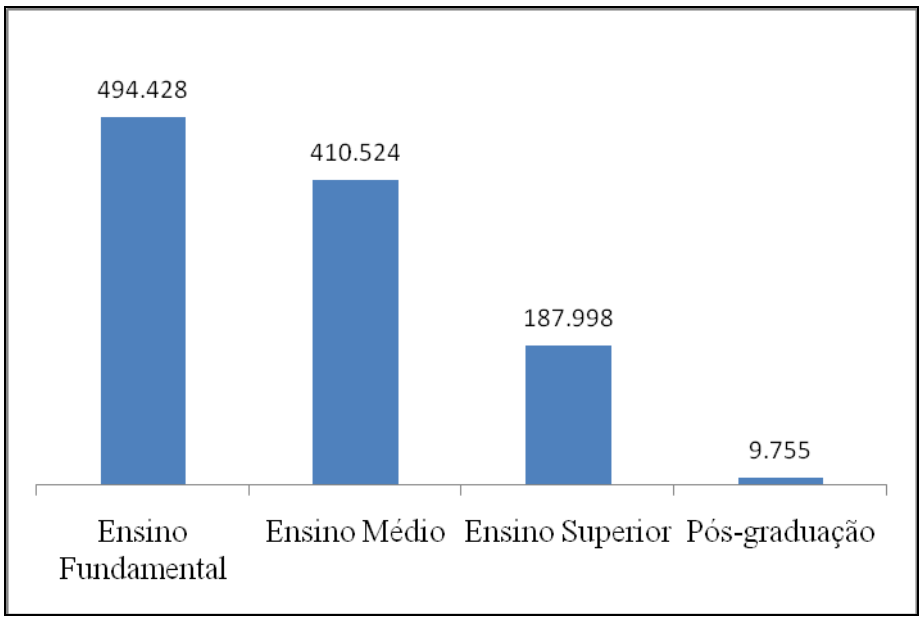

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

A baixa incidência de empréstimos para usuários indígenas e de raça/cor amarela deve-se ao fato de que nessas regiões sua densidade populacional é muito baixa.

### 3.1.4. Incidência de empréstimos por nível de escolaridade dos usuários

O gráfico 8 apresenta o total dos empréstimos por nível de escolaridade dos usuários

Gráfico 8
Total de empréstimos por nível de escolaridade dos usuários
(2006-2017)

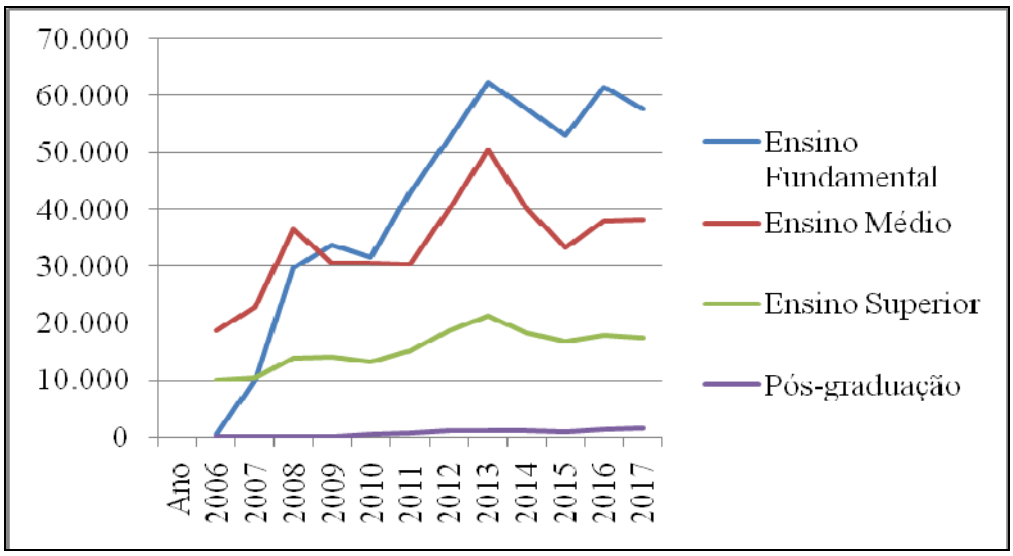



Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

A maior incidência de empréstimos recai sobre os usuários do Ensino Fundamental, seguida dos usuários do Ensino Médio, cabendo realçar que este nível não indica somente os usuários que estão matriculados nessas etapas/níveis de ensino mas, também, os que se escolarizaram até esses níveis/etapas.

O gráfico 9 apresenta a distribuição anual dos empréstimos por nível de escolaridade dos usuários.

Gráfico 9
Distribuição anual dos empréstimos por nível de escolaridade dos usuários (2006/2017)



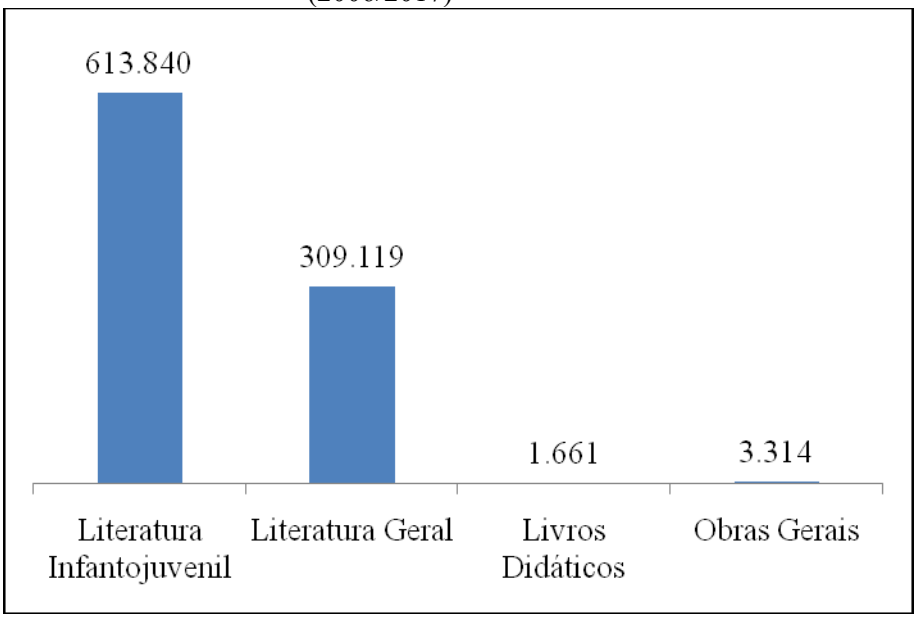

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

A curva tendencial crescente de empréstimos para usuários com ensino superior, no período de 2006 a 2013, parece revelar um aumento nos níveis de escolaridade de pessoas da região; no entanto, a ligeira queda desse ano para 2017 pode revelar que esse acesso tenha estagnado.

### 3.2. Incidência de empréstimos por gênero de literatura acessada

O gráfico 10 apresenta o total de empréstimos efetivados por diferentes gêneros literários.

Gráfico 10
Total de empréstimos por gêneros literários
(2006/2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

O total de empréstimos por gênero literário é menor do que o total geral por uma única razão: uma boa parte dos empréstimos são de obras, tais como periódicos, histórias em quadrinhos, biografias, etc,, que não foram aqui selecionadas porque não correspondiam aos objetivos desta pesquisa

Verifica-se que a literatura infantojuvenil foi a mais acessada, com praticamente o dobro das obras de literatura geral. Os empréstimos de livros didáticos e das obras de referência foram ínfimos, com média anual dos primeiros de 138 obras e de 270 das segundas.

A Tabela 1 apresenta a distribuição anual de empréstimos por gêneros literários.

Tabela 1
Distribuição anual de empréstimos por gêneros literários
(2006/2017)

| Ano | Literatura Infantojuvenil | | Literatura Geral | | Livros Didáticos | | Obras de Referências | | Total | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice |
| **2006** | 27.737 | 100 | 24.441 | 100 | 102 | 100 | 215 | 100 | 52.495 | 100 |
| **2007** | 30.813 | 111 | 23.105 | 095 | 107 | 195 | 133 | 062 | 54.158 | 103 |
| **2008** | 39.889 | 144 | 23.469 | 096 | 160 | 157 | 187 | 087 | 63.705 | 121 |
| **2009** | 38.955 | 140 | 19.807 | 081 | 173 | 170 | 244 | 113 | 59.179 | 113 |
| **2010** | 36.387 | 131 | 19.270 | 079 | 142 | 139 | 202 | 094 | 56.001 | 107 |
| **2011** | 46.689 | 168 | 21.055 | 086 | 194 | 190 | 186 | 086 | 68.124 | 130 |
| **2012** | 56.314 | 203 | 29.689 | 121 | 178 | 174 | 253 | 118 | 86.434 | 165 |
| **2013** | 65.840 | 237 | 37.340 | 153 | 117 | 115 | 322 | 150 | 103.619 | 197 |
| **2014** | 61.941 | 223 | 28.852 | 118 | 106 | 104 | 422 | 196 | 91.321 | 174 |
| **2015** | 61.122 | 220 | 24.669 | 101 | 139 | 136 | 356 | 166 | 86.286 | 164 |
| **2016** | 75.113 | 271 | 28.467 | 116 | 129 | 126 | 386 | 180 | 104.095 | 198 |
| **2017** | 73.040 | 263 | 28.955 | 118 | 114 | 112 | 408 | 189 | 102.517 | 195 |
| **Total** | 613.840 | - | 309.119 | - | 1.661 | - | 3.314 | - | 927.934 | - |

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

O primeiro dado a destacar é de que, nos doze anos cobertos pela pesquisa os empréstimos chegaram quase a um milhão de usuários.

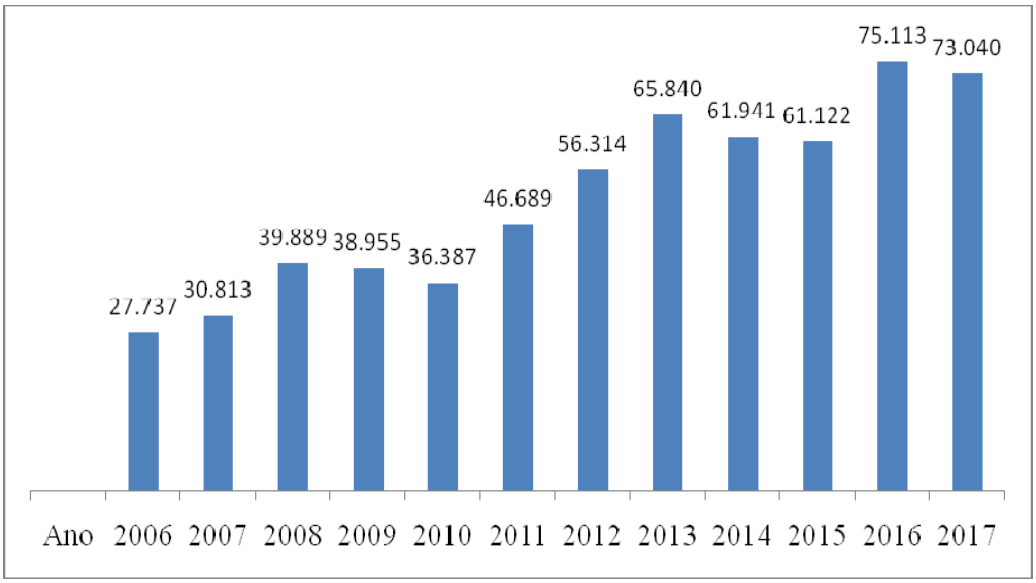
No entanto, verifica-se que, na verdade, dois são os gêneros acessados nessas bibliotecas: literatura infantojuvenil e literatura geral, com o dobro de empréstimos da primeira em relação à literatura geral.

- Pode-se verificar também que a curva tendencial de crescimento se deve basicamente ao incremento de empréstimos de obras de literatura infantojuvenil, pois, com exceção do ano de 2013, em que os empréstimos de literatura geram chegaram a mais de 37 mil, nos demais anos verifica-se uma estabilidade entre 19 e 29 mil empréstimos anuais, e a pequena quantidade de empréstimos de livros didáticos e obras de referência interferem muito pouco na tendência dessa curva.

### 3.2.1. Literatura infantojuvenil

O gráfico 11 apresenta a distribuição anual dos empréstimos de obras de literatura infantojuvenil.

Gráfico 11
Distribuição anual de empréstimos literatura infantojuvenil
(2006/2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

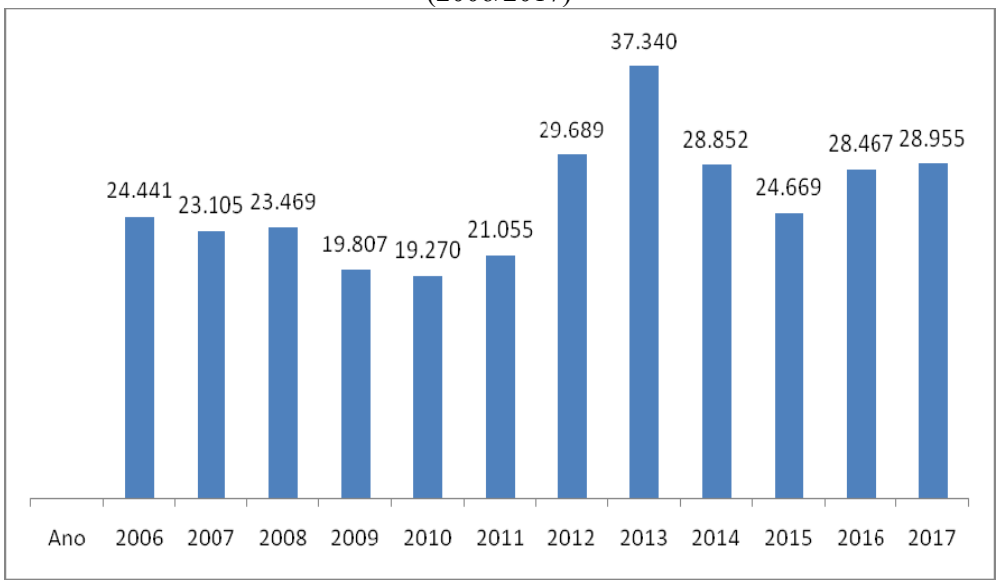
Verifica-se curva tendencialmente crescente de empréstimos de livros de literatura infantojuvenil, cujo número quase triplicou no decorrer da série.

Pode-se também subdividir o período em dois momentos: o primeiro, de 2006 a 2010, com empréstimos girando em torno de 30 mil anuais e um segundo período, de 2011 a 2017, em que houve um incremento significativo, pois em 2011 ele ultrapassa a barreira dos 40 mil anuais para chegar, em 2016 e 2017, a mais de 70 mil por ano.

### 3.2.5. Literatura geral

O gráfico 12 apresenta a distribuição anual dos empréstimos de obras de literatura geral.

Gráfico 12
Distribuição anual de empréstimos de literatura geral
(2006/2017)



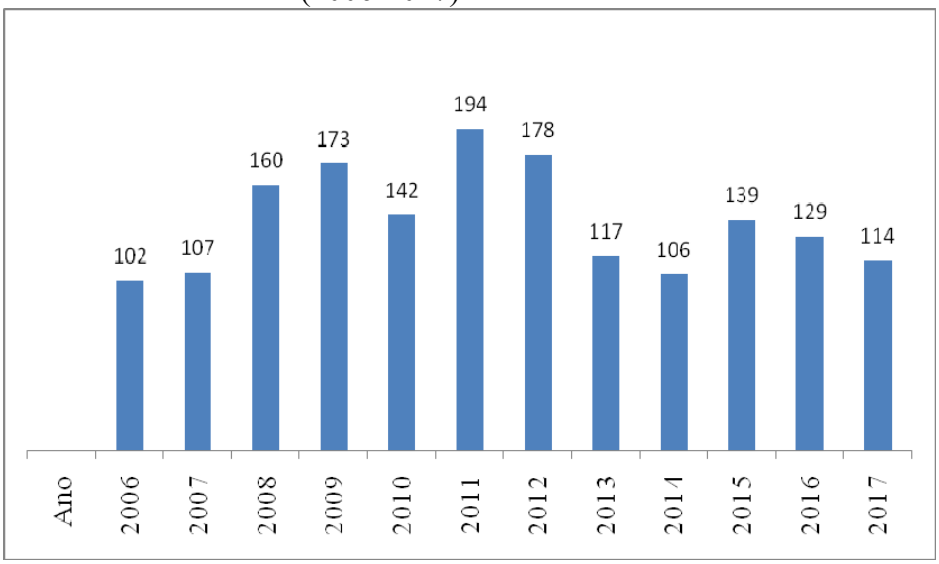

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

A curva tendencial de empréstimos de obras de literatura geral é muito mais estabilizada do que a anterior, pois somente no ano de 2013, superaram a casa dos 20 mil anuais.

### 3.2.6. Livros didáticos

O gráfico 13 apresenta a distribuição anual de empréstimos de livros didáticos.

Gráfico 13
Distribuição anual dos empréstimos de livros didáticos
(2006-2017)



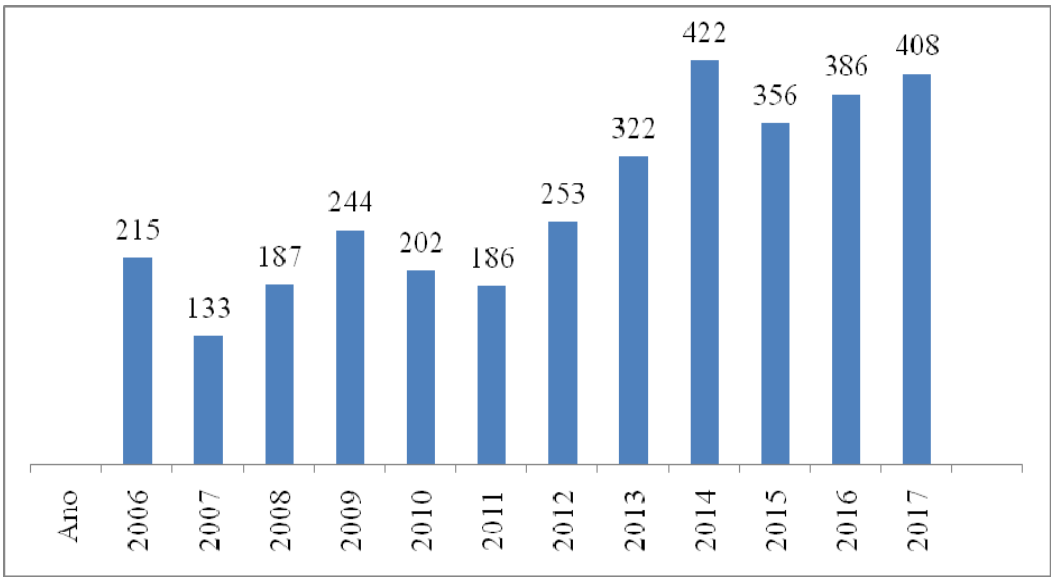

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

O número reduzido e a estabilidade da quantidade anual de empréstimos em todo o período de livros didáticos devem ser resultados das políticas de distribuição desse material pelo governo federal, por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático. – PNLD.

### 3.2.7. Obras de referência

O gráfico 14 apresenta a distribuição anual dos empréstimos de obras de referência.

Gráfico 14
Distribuição anual dos empréstimos de obras de referência
(2006-2017)




Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

Vale destacar a baixa incidência de empréstimos desse gênero literário em todo o período o que demonstra o pouco uso que se faz integralmente dele, pois que deve ser muito mais consultado *in loco,* para acesso a informações específicas.

## 3.3. Incidência do gênero de literatura por nível de escolaridade dos usuários

### 3.3.1. Literatura infantojuvenil

Na tabela 2 estão expostos os dados referentes à distribuição anual de obras da literatura infantojuvenil por nível de escolaridade dos usuários.

Cabe esclarecer que os registros sobre o nível de escolaridade não se referem somente ao nível alcançado, mas também ao nível escolar em que o usuário está matriculado.

Tabela 2
Distribuição anual de empréstimos de obras de literatura infantojuvenil por nível de escolaridade do usuário
(2006/2017)

| Ano | Ensino Fundamental | | Ensino Médio | | Ensino Superior | | Pós-graduação | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice |
| **2006** | 3.443 | 100 | 5.918 | 100 | 2.282 | 100 | 36 | 100 |
| **2007** | 5.737 | 167 | 6.852 | 116 | 2.414 | 106 | 31 | 086 |
| **2008** | 18.217 | 529 | 10.513 | 177 | 3.231 | 142 | 111 | 308 |
| **2009** | 21.154 | 614 | 8.450 | 143 | 3.163 | 139 | 65 | 181 |
| **2010** | 20.016 | 581 | 8.835 | 149 | 3.088 | 135 | 182 | 505 |
| **2011** | 28.913 | 839 | 8.663 | 146 | 4.039 | 176 | 309 | 858 |
| **2012** | 33.649 | 977 | 11.509 | 194 | 5.306 | 233 | 385 | 1069 |
| **2013** | 38.788 | 113 | 14.020 | 237 | 5.543 | 243 | 306 | 850 |
| **2014** | 36.517 | 1060 | 11.910 | 201 | 4.719 | 207 | 215 | 597 |
| **2015** | 34.824 | 1011 | 9.140 | 154 | 4.453 | 195 | 303 | 842 |
| **2016** | 40.865 | 1186 | 11.555 | 195 | 5.650 | 248 | 388 | 1077 |
| **2017** | 38.691 | 1123 | 10.939 | 185 | 5.236 | 230 | 473 | 1314 |
| **Total** | 320.814 | - | 118.306 | - | 49.124 | - | 2.804 | - |

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

Como era de se esperar, verifica-se que a maior incidência de empréstimos de obras de literatura infantil ocorreu em usuários com ensino fundamental, seguido bem distante (mais de 200 mil empréstimos de diferença) pelos do ensino médio.

Além disso, enquanto a tendência da curva de empréstimos para usuários do ensino fundamental é basicamente crescente, a dos usuários do ensino médio sofreu incremento significativo de 2006 para 2008, mas a partir daí se estabilizou em torno de uma média de 10 mil empréstimos;

Causa espécie, ainda, os quase 50 mil empréstimos para usuários do ensino superior; a hipótese mais viável é a de que usuários deste nível de ensino fizeram empréstimos para filhos ou parentes em idade escolar.

### 3.3.2 . Literatura geral

Na tabela 3 estão expostos os dados referentes à distribuição anual de obras da literatura infantojuvenil, por nível de escolaridade do usuário.

Tabela 3
Distribuição anual dos empréstimos de obras de literatura geral por nível de escolaridade dos usuários
(2006/2017)

| Ano | Ensino Fundamental | | Ensino Médio | | Ensino Superior | | Pós-graduação | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice | Quant | Nº índice |
| **2006** | 1.118 | 100 | 5.505 | 100 | 2.761 | 100 | 86 | 100 |
| **2007** | 1.414 | 126 | 6.981 | 127 | 2.910 | 105 | 96 | 111 |
| **2008** | 3.132 | 280 | 11.447 | 207 | 3.611 | 131 | 64 | 074 |
| **2009** | 3.277 | 293 | 9.338 | 169 | 3.896 | 141 | 79 | 091 |
| **2010** | 3.584 | 320 | 9.475 | 172 | 3.747 | 136 | 108 | 126 |
| **2011** | 4.871 | 435 | 10.020 | 182 | 4.112 | 149 | 115 | 133 |
| **2012** | 7.681 | 687 | 14.040 | 255 | 4.873 | 176 | 240 | 279 |
| **2013** | 10.257 | 917 | 18.179 | 330 | 5.323 | 193 | 260 | 302 |
| **2014** | 8.038 | 718 | 13.463 | 244 | 3.965 | 143 | 288 | 335 |
| **2015** | 6.242 | 558 | 11.277 | 204 | 3.644 | 132 | 184 | 214 |
| **2016** | 7.602 | 679 | 12.509 | 227 | 3.686 | 133 | 254 | 295 |
| **2017** | 7.284 | 651 | 12.551 | 228 | 3.739 | 135 | 325 | 378 |
| **Total** | **64.500** | - | **134.785** | - | **46.267** | - | **2.099** | - |

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

Nota-se uma tendência de crescimento dos empréstimos para usuários de todos os níveis escolares– mas com grandes variações;

Embora o número de empréstimos para usuários com ensino médio seja mais que o dobro do que os efetuados por usuários com ensino fundamental, os índices de crescimentos desses últimos são muito mais expressivos: 6,5 vezes maior em 2017 do que os empréstimos efetuados no ano base, contra 2,2 vezes verificadas entre os usuários do ensino médio nesses mesmo anos; esta mesma curva tendencial se verifica, também, nos empréstimos para usuários com ensino superior ou pós-graduação;

No entanto, as tendências das curvas dos empréstimos para usuários de ambas as etapas de ensino são semelhantes: de crescimento até o ano de 2014 e, a partir daí, tendência de queda;

O menor número de usuários com ensino superior não pode ser analisado somente como se eles utilizassem menos as bibliotecas, mas teria que ser cotejado com o número de habitantes das regiões que alcançaram este nível de ensino; como todas as estatísticas demonstram que, quanto mais baixo o IDH da região, menor o número de habitantes com ensino superior, pode-se inferir que esta deve ser uma forte razão para os números indicados;

Com certeza, o argumento acima se enquadra ainda mais entre os usuários com pós-graduação.

### 3.3.5. Livros didáticos

Na tabela 4 estão expostos os dados referentes à distribuição anual de livros didáticos, por nível de escolaridade dos usuários.

Tabela 4
Distribuição anual dos empréstimos de livros didáticos por nível de escolaridade do usuário
(2006/2017)

| Ano | Ensino Fundamental | Ensino Médio | Ensino Superior | Pós-Graduação |
|---|---|---|---|---|
| 2006 | 6 | 21 | 5 | 0 |
| 2007 | 10 | 30 | 16 | 0 |
| 2008 | 18 | 88 | 22 | 0 |
| 2009 | 23 | 90 | 36 | 0 |
| 2010 | 24 | 85 | 19 | 1 |
| 2011 | 28 | 107 | 49 | 2 |
| 2012 | 27 | 98 | 37 | 0 |
| 2013 | 14 | 59 | 39 | 0 |
| 2014 | 21 | 46 | 29 | 0 |
| 2015 | 30 | 62 | 22 | 0 |
| 2016 | 29 | 55 | 27 | 0 |
| 2017 | 21 | 57 | 30 | 0 |
| **Total** | **251** | **798** | **331** | **3** |

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

Esta tabela foi mantida para realçar que, tendo em vista as políticas de distribuição de livros didáticos para todos os alunos do ensino público, efetivadas pelo Governo Federal, a necessidade de empréstimos deste gênero literário é pouco expressiva, pois este é um tipo de gênero que os indivíduos utilizam enquanto cursam uma determinada série.

### 3.3.6. Obras de referência

Na tabela 5 estão expostos os dados referentes à distribuição anual de empréstimos de obras de referência por nível de escolaridade dos usuários.

Tabela 5
Distribuição anual dos empréstimos de obras de referência por nível de escolaridade dos usuários
(2006/2017)

| Ano | Ensino Fundamental | | Ensino Médio | | Ensino Superior | | Pós-Graduação | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 2006 | 12 | 100 | 35 | 100 | 28 | 100 | 3 | - |
| 2007 | 11 | 092 | 25 | 071 | 25 | 089 | 1 | - |
| 2008 | 75 | 625 | 49 | 140 | 42 | 150 | 0 | - |
| 2009 | 99 | 825 | 64 | 183 | 40 | 143 | 6 | - |
| 2010 | 97 | 808 | 60 | 171 | 21 | 075 | 0 | - |
| 2011 | 81 | 675 | 54 | 154 | 19 | 068 | 3 | - |
| 2012 | 111 | 925 | 67 | 191 | 54 | 193 | 1 | - |
| 2013 | 171 | 1425 | 77 | 220 | 49 | 175 | 6 | - |
| 2014 | 221 | 1841 | 99 | 283 | 58 | 207 | 6 | - |
| 2015 | 195 | 1625 | 75 | 214 | 21 | 075 | 4 | - |
| 2016 | 181 | 1508 | 96 | 274 | 46 | 164 | 5 | - |
| 2017 | 183 | 1525 | 97 | 277 | 46 | 164 | 2 | - |
| Total | 1.437 | - | 798 | - | 449 | - | 37 | |

Fonte: Dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo e organizados pela autora

A quantidade relativamente pequena de empréstimos de obras de referência deve ter alguma relação com as possibilidades de consulta *on line* cada vez mais acessível a todos, mas é uma questão que merece investigações mais aprofundadas.

De qualquer forma, a maior incidência de empréstimos das obras de referência para usuários com ensino fundamental parece expressar uma determinada técnica de pesquisa bibliográfica bastante utilizada nesse nível de ensino: a de consulta a enciclopédias ou outras obras deste tipo.

Estes foram os achados que, com base nos registros oficiais de empréstimos disponibilizados pela Prefeitura Municipal de São Paulo, puderam ser organizados e analisados, cabendo, por fim, estabelecer algumas considerações sobre eles.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o perfil e o tipo de literatura utilizada pelos usuários das 46 bibliotecas de múltiplas finalidades (pública, comunitária, escolar e universitária).

Vale destacar que delimitação do período investigado entre os anos entre 2006- e 2017 (mesmo que os primeiros equipamentos CEUs tenham sido entregues em 2003) se deveu em razão da absoluta inconsistência dos dados encontrados nos três primeiros anos.

No percurso desta análise, ao buscar traçar o perfil dos usuários e o tipo de literatura acessado nas unidades CEUs, pudemos constatar algumas características sobre as quais vale a pena, nesse momento final, retirar algumas consequências.

Em primeiro lugar, constatou-se que, nos doze anos do período investigado, mais de um milhão e trezentos mil empréstimos foram efetuados, ou seja, uma média de mais cem mil empréstimos por ano, ou seja, cerca de mais de oito mil por mês

Mais significativo, ainda, foi o incremento anual constante e expressivo dos empréstimos, partindo de 85 mil, no ano de 2006, para um total de mais de 140 mil nos dois últimos anos do período.

A incidência mais elevada do total de empréstimos por usuários adultos (18 a 59 anos) nos faz refletir sobre a afirmativa de que brasileiro não lê (ainda mais nas camadas populares), pois, conforme indicado no gráfico correspondente, a soma de foi superior à soma de todas as outras faixas etárias juntas.

No entanto, se esta faixa etária totalizou empréstimos em número muito maior do que dos usuários em idade escolar, as diferenças entre as curvas tendenciais mostram que, enquanto os empréstimos anuais por usuários adultos se estabilizaram entre 20 a 30 mil por ano, a dos usuários em idade escolar evidenciou expressiva tendência crescente, o que parece demonstrar efeito bastante positivo na constituição de novos leitores.

A evidente totalidade mais expressiva entre usuárias do sexo feminino mostra que, mesmo nos bairros populares, onde certamente a dupla jornada de trabalho (profissional e doméstico) seja uma realidade para a maioria, as mulheres se caracterizam mais como leitoras dos que os homens.

A primeira consideração a fazer com relação aos empréstimos por raça/cor dos usuários deve recair sobre o pequeno número de registros, pois além do fato de que não havia um trabalho, até 2012, para efetivação mais constante desse registro, pode estar evidenciando que a valorização da identidade negra parece ser um discurso, mas que, nas atividades cotidianas menos importantes (como a inscrição em uma biblioteca), ela mostra que essa valorização não se efetiva de fato. No entanto, dada a limitação dos dados aqui coletados, esta é uma inferência que mereceria uma investigação mais acurada.

Os dados sobre empréstimos por nível de escolaridade parecem, em princípio, contradizer os achados sobre a faixa etária (Gráficos 2 e 3). No entanto, estes se referem tanto aos que estavam frequentando o ensino básico no momento da inscrição, quanto os que tinham alcançado como limite de escolarização o ensino fundamental ou médio, mas com idade superior aos 17 anos.

Cabe, aqui, uma consideração fundamental, qual seja, sobre a predominância de um público adulto e branco: embora a proposta dos CEUs, como equipamento escolar e cultural de qualidade para os moradores de bairros periféricos pouco aquinhoados anteriormente, se faça presente, mesmo entre os membros das camadas populares parece ocorrer uma distinção pouco evidente e que, em parte, se enquadra nas críticas efetuadas por Bourdieu e Darbel (2003), aspecto que pode propiciar investigações mais minuciosas

Com relação aos gêneros literários, a maior incidência de empréstimos de obras de literatura infantojuvenil pode estar evidenciando uma prática cada vez mais presente de incentivo à leitura pelas escolas, aspecto que também merece ser mais explorado.

Os achados sobre a relação de empréstimos entre gêneros literários e nível de escolaridade dos usuários se prenderam quase que exclusivamente às diferenças entre literatura infantojuvenil e literatura geral, já que os empréstimos de livros didáticos e obras de referência foram muito reduzidos.

O expressivo crescimento anual de empréstimos de literatura infantojuvenil e a relativa estabilidade em relação à literatura geral de usuários do/com ensino fundamental é exatamente o inverso das curvas referentes aos usuários do/com ensino médio, o que parece demonstrar que o simples fato de oferta de obras diversificadas por estar induzindo a população a efetuar leituras mais compatíveis com suas formações.

Por fim, a tendência crescente de empréstimos dos acervos dessas bibliotecas, em todas as faixas etárias, por sexo e por escolaridade, parece demonstrar que a elas começam a se vincular com a comunidade de seu entorno.

E que a interdição explicada por Bourdieu e Darbel (2003) parece diminuir, mesmo que de forma lenta nas bibliotecas dos CEUs, na medida em que a população parece adquirir, gradativamente, a noção de que aquele espaço é um direito seu e que ela pode se apropriar deste local, usufruindo o que equipamento tem a lhe oferecer e também oferecendo em troca contribuições para a melhoria e qualidade da unidade.

Sendo uma biblioteca pública, as unidades da Rede CEU devem ter a importante missão de ofertar a sua comunidade informação, cultura e lazer. Entretanto, assim como nos alerta Catani (2003, p.9) em seu prefácio da obra *O amor pela arte* "(...) Bourdieu pondera que os museus abrigam tesouros históricos que se encontram, ao mesmo tempo (e paradoxalmente), abertos a todos e interditados à maioria das pessoas."

A investigação aqui desenvolvida mostrou, por um lado, que a oferta de um equipamento cultural em regiões basicamente deles desprovidas, com projeto arquitetônico, pedagógico e cultural, que não reproduza o lema de "escola e equipamento cultural pobres para população pobre" (DEMO, 2007), parece contribuir efetivamente, para a superação da mistificação de que as camadas populares não se interessam por "boa cultura", e que se satisfazem com programas sensacionalistas e de baixíssima qualidade de rádio e televisão.

Por outro, alguns dos achados evidenciam que, em alguns aspectos, ocorre um processo pouco evidente de distinção social, marcado por diferenças de raça/cor e de escolaridade e que parece expressar uma hierarquia social que merece ser investigada.

Esta constatação sugere, portanto, que a próxima etapa e o maior desafio das equipes das bibliotecas dos CEUs estejam justamente em construir possibilidades efetivas de uma prática, na qual o usuário, a comunidade e gestão dos equipamentos CEUs articulem-se no processo de construção de um projeto de integração cultural comum.

Para que, desta forma, a biblioteca possa alcançar sua comunidade principalmente por reconhecer-se, ela própria, como parte da comunidade na busca de melhores condições de acesso a informação e à cultura, e de convivência mais saudável e mais integrada.

# REFERÊNCIAS


ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas.** Londrina: UEL, 1997.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSK, Carla et al. **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. 25-79.

BENHAMOU, Françoise. **A economia da cultura.** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir José; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora. A biblioteca pública e sua função educativa na sociedade de informação. **Racin**, João Pessoa, v. 1, n. 2, 5-20, jul. 2013. Semestral. Disponível em: http://racin.arquivologiauepb.com.br/edicoes/v1_n2/racin_v1 _n2_ artigo01.pdf . Acesso em 01.jun.2018.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: Bourdieu, P. **Escritos de educação**. Org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Cattani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp, 2003.

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. **Espaço e Debates: Revista de Estudos regionais e urbanos,** São Paulo, v. 44, n. 43, 1-19, jan. 2004. Anual. Disponível em http://www.fflch.usbr/centrodametropole/antigo/v1/pdf/espaco_debates.pdf . Acesso em 01. set.2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf . Acesso em 10.jan.2018.

_____.Ministério da Educação. **Resumo Técnico**: censo escolar 2017. Brasília: INEP, 2017. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php Acesso em 19.mai.2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura:** arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000. 159 (Nova Consciência).

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural.** Estudos Avançados, [s.l.], v. 9, n. 23, 71-84, abr. 1995. FapUNIFESP (www.scielo.br).

CUNHA, Murilo Bastos da; DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. A trajetória da biblioteca universitária no Brasil no período de 1901 a 2010. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [s.l.], v. 21, n. 47, 100-123, 12 set. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). http://dx.doi.org/10.5007/1518-2924.2016v21n47p100. Acesso em 17.junho.2018.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Uso e usuários da informação.** São Carlos: Edusfcar, 2004. 48 (Série Apontamentos).

FIGUEIREDO, N.M. **Avaliação de coleções e estudos de usuários**. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1979. 96

DEMO, Pedro. Educação: coisa pobre para o pobre. **Educação profissional, ciência e tecnologia**, Jan-Jun, 2007, volume 1, número 2, p. 165-178.

DORIA, Og Roberto; PEREZ, Maria Aparecida (Org.). **Educação, CEU e cidade:** breve história da educação pública brasileira nos 450 anos da cidade de São Paulo. São Paulo: SME: Livraria do Arquiteto, 2007.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial.** Rio **de** Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 247

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, 131-8, set., 1980.

GARCEZ, Eliane Maria Stuart; RADOS, Gregório Jean Varvakis. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 31, n. 2, oct. 2002. ISSN 1518-8353. Disponível em http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/959/996 . doi:https://doi.org/10.18225/ci.inf..v31i2.959. Acesso em 13.fev.2018.

GONÇALVES, Diana Vidal. Experiências do passado, discussões do presente: a biblioteca escolar infantil do Instituto de Educação Caetano de Campos (1936-1966). **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 19, 195-210, dez. 2014. FapUNIFESP (www.scielo.br). http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2275. Acesso em 17.junho.2018.

GRAMSCI, Antonio. Americanismo e fordismo. In: GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 375-413.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil.** São Paulo: Cosac Naify, 2010. 328

IFLA. **Manifesto da Biblioteca Pública.** 1994. Disponível em http://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-ptbrasil.pdf . Acesso em 08.set.2016.

____. **Diretrizes da IFLA / UNESCO para a Biblioteca escolar.** 2005. Disponível em http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf . Acesso em 08.set.2016.

____. **Manifesto IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar.** 2000. Disponível em http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf . Acesso em 08.set.2016.

JACOB, C. Prefácio. In: BARATIN, M; JACOB, C. (Orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p 9-17.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira:** histórias & histórias. 4a. ed. São Paulo: Ática, 1988. 190 (Fundamentos).

LINE, M. Draft definitions: information and library needs, wants, demands and uses. Aslib Proceedings, v. 26, n. 2, feb. 1974.

MACHADO, Elisa; ELIAS JUNIOR, Alberto; ACHILLES, Daniele. A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 19, 115-127, dez. 2014. ISSN 19815344. Disponível em http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2263 . Acesso em 11.fev.2018.

MACEDO, Neusa Dias. **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac, Conselho Regional de Biblioteconomia – 8a. Região, 2005.

MACHADO, Elisa. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.27.2008.tde-07012009-172507. Acesso em 08.fev.2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2a. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MAZZITELLI, Fabio; CAMPANHA, Diógenes. Quem paga a conta da nova escola. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 15 set. 2012. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/66347-quem-paga-a-conta-da-nova-escola.shtml . Acesso em 30.ago.2017.

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 94).

_____. **Ordenar para desordenar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MUELLER, S. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 1, 7-54, 1984. Disponível em http://www.brapci.inf.br/v/a/2698 . Acesso em 10.fev.2018.

NIMRICHTER, Erick; LAGE, HaylaThami; MUNIZ, Natália Cabral. Reflexões sobre o acesso a equipamentos culturais por parte do corpo discente do Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus São Gonçalo. **Revista Lusófona de Estudos Culturais,** Braga, v. 2, n. 2, 89-102, 22 dez. 2014. Disponível em http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/103 . Acesso em 30.ago.2017.

OLIVEIRA, Raquel Santos de. **Acesso aos serviços de saúde bucal e avaliação da satisfação de usuários em Olinda- PE.** 2008. 82 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Saúde Pública, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Ciências Médicas, Recife, 2008.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural**: novos itinerários para a educação. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.

PEREZ, Maria Aparecida. **Inclusão Social através da educação:** um estudo do Programa Centro Educacional Unificado na cidade de São Paulo. 2010. 493 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universitat Siegen, Siegen, Alemanha, 2010.

PIERRUCCINI, Ivete. **Ordem informacional dialógica**: mediação como apropriação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais*... Salvador: PPGCI/UFBA; ANCIB, 2007. Disponível em http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf . Acesso em 08.jan.2017.

RABELLO, Odila Clark Peres. Da biblioteca pública a biblioteca popular: análise das contradições de uma trajetória. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v.16, n. 1, 19-42, 1987. Disponível em http://www.brapci.inf.br/v/a/2019 . Acesso em 09.jan.2018.

SALGADO, Denise Mancera; OLIVEIRA, Raquel da Silva. O Sistema Municipal de Bibliotecas da cidade de São Paulo: a busca por uma uniformização e padronização. In: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES - III ENCONTRO DE PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO,**1**., 2012, Rio de Janeiro. **Anais.** Rio de Janeiro: A Biblioteca, 2014. v. 1, 171 - 183.

SPOSATI, Aldaíza. **Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo/2000:** dinâmica social dos anos 90. São Paulo: PUC- SP/POLIS/INPE, 2000. CD-ROM

TEIXEIRA, Anísio. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, 78-84, jan. 1959. jan/mar. Disponível em http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm . Acesso em 21.jun.2018.

TEIXEIRA, Anísio. A escola pública, universal e gratuita. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 64, 3-27, jan. 1956. Out/dez. Disponível em http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm . Acesso em 21.jun.2018.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças:** para conhecer a literatura brasileira infantil brasileira: histórias, autores e textos. 4a. ed. São Paulo: Global Universitária, 1993. 364 (Crítica & Teoria Literária).

# Anexo 1

**BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAL**

1. ADELPHA FIGUEIREDO
2. AFFONSO TAUNAY
3. AFONSO SCHMIDT
4. ALCEU AMOROSO LIMA
5. ÁLVARES DE AZEVEDO
6. ÁLVARO GUERRA
7. AMADEU AMARAL
8. ANNE FRANK
9. ARNALDO MAGALHÃES GIÁCOMO, PROF.
10. AURELIANO LEITE
11. BELMONTE
12. BRITO BROCA
13. CAMILA CERQUEIRA CÉSAR
14. CASSIANO RICARDO
15. CASTRO ALVES
16. CHÁCARA DO CASTELO
17. CIRCULANTE | **BMA**
18. CLARICE LISPECTOR
19. CORA CORALINA
20. ÉRICO VERÍSSIMO
21. GILBERTO FREYRE
22. HANS CHRISTIAN ANDERSEN
23. HELENA SILVEIRA
24. JAMIL ALMANSUR HADDAD
25. JAYME CORTEZ | **CCJ**
26. JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS
27. JOSÉ PAULO PAES
28. JOVINA ROCHA ÁLVARES PESSOA
29. LENYRA FRACCAROLI
30. MALBA TAHAN
31. MARCOS REY
32. MARIA FIRMINA DOS REIS | **CFCCT**
33. MÁRIO SCHENBERG
34. MENOTTI DEL PICCHIA
35. MILTON SANTOS
36. MONTEIRO LOBATO | **BIJ**
37. NARBAL FONTES
38. NUTO SANT'ANNA
39. PADRE JOSÉ DE ANCHIETA
40. PAULO DUARTE
41. PAULO SÉRGIO DUARTE MILLIET
42. PAULO SETÚBAL
43. PEDRO NAVA
44. PREFEITO PRESTES MAIA
45. RAIMUNDO DE MENEZES
46. RAUL BOPP
47. RICARDO RAMOS
48. ROBERTO SANTOS
49. RUBENS BORBA ALVES DE MORAES
50. SERGIO BUARQUE DE HOLANDA
51. SÉRGIO MILLIET - **CCSP**
52. SYLVIA ORTHOF
53. THALES CASTANHO DE ANDRADE
54. VICENTE DE CARVALHO
55. VICENTE PAULO GUIMARÃES
56. VINÍCIUS DE MORAES
57. VIRIATO CORRÊA

**CEUS - CENTROS EDUCACIONIAS UNIFICADOS**

1. ÁGUA AZUL
2. ALTO ALEGRE
3. ALVARENGA
4. ARICANDUVA
5. AZUL DA COR DO MAR
6. BUTANTÃ
7. CAMINHO DO MAR
8. CAMPO LIMPO
9. CANTOS DO AMANHECER
10. CAPÃO REDONDO
11. CASA BLANCA
12. CIDADE DUTRA
13. FEITIÇO DA VILA
14. FORMOSA
15. GUARAPIRANGA
16. HELIÓPOLIS
17. INÁCIO MONTEIRO
18. JAÇANÃ
19. JAGUARÉ
20. JAMBEIRO
21. JARDIM PAULISTANO
22. LAJEADO
23. MENINOS
24. NAVEGANTES
25. PARAISÓPOLIS
26. PARELHEIROS
27. PARQUE ANHANGUERA
28. PARQUE BRISTOL
29. PARQUE SÃO CARLOS
30. PARQUE VEREDAS
31. PAZ
32. PÊRA MARMELO
33. PERUS
34. QUINTA DO SOL
35. ROSA DA CHINA
36. SÃO MATEUS
37. SÃO RAFAEL
38. SAPOPEMBA
39. TIQUATIRA
40. TRÊS LAGOS
41. TRÊS PONTES
42. UIRAPURU
43. VILA ATLÂNTICA
44. VILA CURUÇA
45. VILA DO SOL
46. VILA RUBI

**SERVIÇOS DE EXTENSÃO**

**PONTOS DE LEITURA**

1. ANDRÉ VITAL
2. BUTANTÃ
3. GRACILIANO RAMOS
4. JARDIM LAPENINA
5. JUSCELINO KUBITSCHEK
6. OLIDO
7. PIQUERI
8. PARQUE DO RODEIO
9. PRAÇA DO BAMBUZAL
10. SÃO MATEUS
11. SEVERINO DO RAMO
12. TIDE SETUBAL
13. UNIÃO DOS MORADORES DO PARQUE ANHANGUERA
14. VILA MARA

**BOSQUES**

1. ANHANGUERA
2. CARMO
3. CERET
4. CIDADE DE TORONTO
5. GUARAPIRANGA
6. IBIRAPUERA
7. JARDIM DA LUZ
8. LAJEADO
9. LIONS CLUB TUCURUVI
10. RAPOSO TAVARES
11. RODRIGO DE GÁSPERI
12. SANTO DIAS
13. TROTE

**ESPAÇOS DE LEITURA**

1. CECÍLIA MEIRELES
2. ZALINA ROLIM